

JUNHO

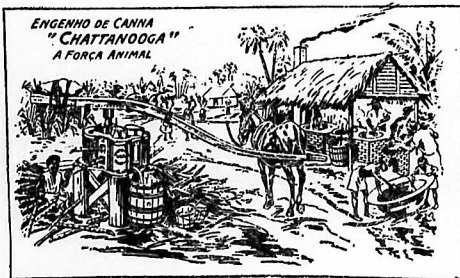
Junho de 1916



Revista
Feminina

Anno 3
Nº 25

ENGENHOS DE CANNA CHATTANOOGA

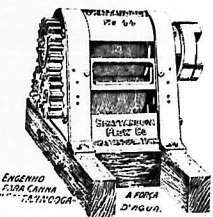


Os engenhos de canna
CHATTANOOGA
representam valor integral,
e são uma
GARANTIA
de durabilidade
e perfeito funcionamento.



Todo aquelle que adquirir um engenho terá de verificar que o bom exito da industria de moagem de canna depende essencialmente do systema e da construção de taesapparellhos.

Em geral poucas pessoas se tem preocupado com o systema e mesmo com a boa moagem de canna, e apenas depois de mal servidas com apparellhos inferiores, adquiridos a baixo preço, verificam o erro da escolha. Por este motivo é preciso notar que os engenhos de canna Chattanooga, conquanto semelhantes em apparencia, não se devem confundir com os de construção ordinaria, que apparecem de vez em quando annunciados, pois tem sobre estes a superioridade de serem mais solidos, mais duraveis e mais baratos.



Os engenhos CHATTANOOGA deixam o bagaço completamente seco, sem porcentagem alguma de caldo. São os mais DURAVEIS, mais BARATOS no mundo inteiro.

São construidos de um aço indestructivel e são duma duração verdadeiramente ETERNA.

Não comprem ENGENHOS de canna, alambiques, nem qualquer outra machina SEM PRIMEIRO verem as nossas pois as que temos são SUPERIORES a qualquer outras sob todos os pontos de vista.

Ha 15 annos que somos os introductores no Brasil dos Engenhos CHATTANOOGA e o successo dos mesmos criou imitadores, porém nunca competidores. Temos o maior sortimento no Brasil de: Engenhos a mão, a força animal, a força motora, a força de agua, alambiques, etc.

PEÇAM CATALOGOS GRATUITOS E PREÇOS REDUZIDOS a

F. UPTON & Co.

LARGO DE S. BENTO, 12 — S. PAULO
AVENIDA RIO BRANCO, 18
RIO DE JANEIRO

ANNO III

SÃO PAULO JUNHO DE 1916

NUM. 25

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
FEMININA
BRASILEIRA

Revista Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE
SOUZA SALLES
REDAÇÃO:
ALAMEDA GLETTE, 87

Preço para venda avulsa:
600 réis

ASSIO. ANNUAL PARA TODO O
BRASIL 74000
TELEPHONE No. 6004

JUNHO

APOS o mysticismo de maio, as nevoas friorentas de junho... Assim decorre a vida. A natureza, vista através a gaze transparente da phantasia, retrata nas suas quatro estações, a vida de uma mulher, como as aguas limpidas de um lago sereno, retratam em sombras esbatidas e vagas, todas as scenas de que é scenario o espaço interminio.

A primavera... Florescem as primeiras illusões. Pouco a pouco desfaz-se a nebulosa da infancia. Ao sol radiante, as cores vivas das bonecas, tornam-se inverosímeis. A alma pede alguma coisa mais. Quer que a boneca se anime, quer sobre os seus labios inexpressivos, o sombreado de um bugo, sobre a sua bocca immovel a animação de um sorriso, nos seus olhos estagnados os primeiros lampejos do amor e no seu peito que não agita o preguado meudo da seda cor de rosa, os primeiros tumultos das palpitações anhelantes... Correm os dias. Nos jardins ha uma eclosão de cores, de perfumes. No espaço a fanfarra perenne da luz. No céu nuvens brancas, como os coxins de um noivado. A festa da natureza invade-lhe a alma. Cada manhã, ao levantar-se, ella corre pressurosa ao berço de suas illusões de menina, a ver o fegante se na palpitação da boneca, começa a realizar-se o sonho vago que lhe povoou a noite.

Uma manhã enfim, de volta de um baile ou após uma noite de impressões mais vivas, sente que alguma coisa dentro della desabrochou, em plena primavera, como as flores de seu jardim. E a boneca anima-se. Floresce-lhe aos labios um sorriso, brilha-lhe aos olhos a mesma luz radiante do espaço, palpita-lhe o coração da mesma palpitância que enche os ares.

Vem depois o verão. Todas as eclosões se realizaram. Tudo vive a hora intensa da vida. A luz vibra no seu maximo esplendor. O céu de tão azul, e de tão limpidão, deixa quasi escapar o seu segredo. A ancia vaga da primavera transforma-se, o corpo transforma-se no estuo violento. A promessa transforma-se na realidade vivente. A febre da vida integral

funde as almas num beijo longo, que vai da luz da manhã ás sombras do crepusculo e das sombras do crepusculo ás festas do alvorecer, sem fadigas e sem enfados, na marcha nupcial que descuidadas e felizes, cantam sem cessar, nos bosques e nos jardins, as doiradas cigarras da illusão ou no manto do luar, que é um véu de noivado.

O outono... Das comas verdjantes das arvores caem as primeiras folhas crestadas. A luz esmaece. Crescem as sombras. O crepusculo cõe de chofre sobre as tardes serenas, como um lucto imprevisito sobre a alma branca de uma creança. Já ninguém se arrisca pelos caminhos abertos da vida, com a confiança cega dos dias immutaveis do verão.

E as almas?... Compreendem então que a luz não era eterna, que o beijo era fallaz... Na bocca da boneca o riso se transforma num rictus de uór. Nos olhos ha a primeira batega de lagrimas!...

As aguas da vida continuam seu curso fatal. Os primeiros ventos asperos encrespam-lhe a superficie serena. Vem os primeiros frios... Com o inverno fecham-se as portas e os corações. A rajada fria do desespero fustiga os cabellos da pobre boneca. Morre a luz, morrem as flores, morrem as illusões... No espaço, que as azas deshabitam caem a fio da pupilla azul do céu, as lagrimas tristes das chuvas.

E a boneca chora, chora sem cessar... Seu coração palpita violentamente com as aguas enraivadas que acachoram...

E nas tardes longas e tristes, torturadas e plangentes, a pobre alma abandonada de mulher, contemplando sua boneca, pergunta a si mesma se não era melhor tel-a deixado com os labios inexpressivos, a bocca immovel, os olhos estagnados, o peito inanimado...

Assim decorre a vida. Pobre alma de mulher!... As illusões são como as flores vivazes que nascem para viver a vida de um dia. Nem o vosso carinho apaixonado, nem o susto com que as abrigaes, entre vossas mãos, como a luz fraca de uma candéa accesa junto a um culto, nem a vossa solicitude, nem vosso zelo, as livrarão de morrer, sobre o mesmo vaso de primavera que as viu nascer.

Como ella os annos vive por minutos. O seu tempo se conta na cadencia da vida, pelo instante de um beijo, pela eternidade de uma lagrima. Ha que amparar-o numa urna de crystal. Só assim elle viverá mais tarde, como crystallado numa saudade. Não o contes pois pela mesma ampuheta, que conta as horas da vida.

E' um vôo que seduz e passa, no remigio apressado de duas azas polichromas. E' um beijo do céu na pureza de um lago. Dura o instante luminoso de um reflexo. Um nenuphar branco em que a luz floresce, por instantes, nas aguas turvas da vida e que nas aguas turvas da vida vai boiando, como uma noiva morta, para nunca mais voltar. A clepsidra que mede a vida é demasiado lenta para lhe medir a existência. Como as rosas e como os lyrios. O seu minuto é o minuto que consagra e que perfuma a vida.

A saudade é a sombra e a sombra é suave. Unge como um oleo santo. Nella se esbatem as linhas fortes e das imagens fica apenas a nebulosa indecisa que palpita mansamente na doçura de um sonho.

E o amor é o sonho... A nevoa vaga em que elle alhoressce devia dissolver-se na meia tinta do crepusculo, sem chegar a corporisar-se.

Alma sonhadora de mulher! Pediste demasiado á tua boneca!...

Ella foi feita para o ninho tepido que lhe preparaste, com o macio arminho de tua alma e a seda cor de rosa das tuas illusões, acamados pelas tuas mãos de neve e de coral, que foram creadas para tecer grinaldas de flores e bordar pedaços de céu.

Um dia ella amou-se; pareceu viver do mesmo sussurro anhelante que te enebria os ouvidos. Pura illusão porém! Ella apenas se amou pelo bafejo da briza fragrante que veio de ti mesma, da pureza e do encanto de teu sonho.

Se não querias soffrir, se não querias chorar, não a devias ter despertado e ella estaria ainda no berço em que a creaste, com os labios inexpressivos, a bocca immovel, os olhos estagnados, o peito inanimado, feliz na sombra de teu sonho, que unge e purifica...

Anna Rita Malheiros.

(Revista Feminina de S. Paulo)

O futuro da nossa Revista

Se dissermos — Vae morrer nossa Revista! — esse facto que devia encher de consternação á todas as senhoras brasileiras seria devido ao vosso desinteresse por uma publicação tão útil ao vosso lar, á vossa educação litteraria e á formação do espirito de vossas filhas, pela sua moralidade absoluta e pela selecção do seu texto...

Se o que acima ficou dito tivesse verdadeiramente de ser dito — o que por fortuna não se dá — não haveria uma de vós que não exclamasse: — Que pena! Se eu soubesse, teria ajudado a Revista teria com facilidade enviado algumas assignaturas... Não me custaria nada enviar cinco ou seis assignaturas. Era só falar com minhas amigas e pedir-lhes que por sua vez se interessassem junto ás suas amigas...

Outra de nossas leitoras exclamaria — quem sabe? —

— E' realmente uma injustiça a que praticamos com a Revista Feminina. Nós somos prodigas e entusiastas em auxiliar tudo quanto não interesse directamente ao Paiz, desde que venha do Extranjeiro, e é deveras lamentavel, que não tenhamos tido mais entusiasmo por uma iniciativa de um grupo de patriotas que sem visar lucro ou interesse, se atirou abnegadamente á tão ardua quanto difficil missão...

... Isso e mais alguma coisa será dito... Oh, mas se nos chegarmos lá, de que valerão resposnos e lamentações?

E' facto que estamos lutando heroicamente para a manutenção de nossa Revista, e que a havemos de firmar definitivamente e que a não deixaremos morrer.

E' facto ainda, que temos tido ao nosso lado um grupo dedicado de senhoras, de verdadeiras escoteiras, de abnegadas e generosas missionarias, que aqui, ali e acolá, como se vê na nossa secção *De todo o Brasil*, tem procurado secundar nossos esforços.

E' um pequeno grupo porém e, apesar de valiosa e de dedicada, não basta sua colaboração para que possamos realizar o nosso ideal — a manutenção de um grande magazine feminino, como os da Europa, de leitura de moral san e útil, que possa e que deva entrar em todos os lares, com a confiança com que se recebe uma amiga, de falar discreto, pratico e delectoso.

Para a realização de tão lindo ideal precisamos da colaboração de todas as nossas leitoras.

— Uma assignatura, ao menos, entre vossas amigas!... Que vos custa obtela?...

Não desejeis, como nós, que ha-
vemos em nossa lingua e em nossa terra,
uma publicação que vos comprehen-
da que se irmane com vosso espiri-
to de mulher, que traduza vossas
ancias, as bellezas de vossa plan-
tasia, a meiguice e a doçura de vossa
alma — no meio do utilitarismo rui-
doso do seculo que abafa todas as
vozes da alma?

Não desejeis, como nós, que ha-
ja em nossa lingua e em nossa terra,
uma revista que possaes dar a ler á
vossa filha, neste momento em que
ella não tem o que ler, pela licen-
ciedade o pela vacuidade da maioria
do que a epocha distribue, em letra
impressa, como imprensa?

Pois esse vosso desejo é facil de
realizar-se. Basta que collaboreis com
nosso e que nos envieis uma ou duas
assignaturas.

... Que a nossa Revista represen-
ta a primeira manifestação positiva
do brilhante valor do espirito femi-
nino, no Brasil, que ella veio trazer á
luz da publicidade espiritos formosi-
simos de mulher, que antes eram in-
teiramente desconhecidos, que ella
está concorrendo poderosamente para
a educação litteraria e artistica das
brasileiras, que nunca no Brasil se
fiez tentativa mais util, mais abnegada
e mais sympathica — são phrases que
nos tem sido ditas por todos os jo-
rnas do Brasil e pelos nossos mais
eminentes homens de letras.

E são tambem as phrases que
diariamente nos chegam por carta, de
todo o Brasil, sem resultado, pratico
porém, pois que não temos vão orgu-
lho, nem falsa modestia e damos á
nossa publicação seu justo e mode-
rado valor.

Que todo ou que uma parte do
entusiasmo, que nos é assim revela-
do epistolarmente, se converta em ac-
ção pratica, é do que necessitamos
para a consolidação definitiva da nos-
sa obra.

Até aqui, ella só nos tem valido
despesas, sacrificios e prejuizos...

Um bom movimento, minhas que-
ridas leitoras, em prol da nossa Re-
vista, que é mais vossa do que nossa!

Paulo - Junho - 1916.

Virgínia de Souza Salles

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetteremos como presente O Adaluis elegante livrinho de receitas de cozinha e doces ou um fasciculo do "Cyano de Bergerac" de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adaluis, e á que nos envair 2 assignaturas terá direito ao sorteo de um enxoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis em dinheiro.

Avisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Alameda Gilette, 87, São Paulo.

COLLECÇÃO ALVA

COELHO NETTO

V

Não podes comprehender o texto
santo, ris das palavras biblicas, em-
tanto não ha verdades mais limpidas
dos que as que foram escriptas pelo
patriarca do exodo.

Perguntas como poudes o Senhor
tirar das trevas a terra e os astros,
os astros principalmente, rutilos, res-
resplandecentes. Queres a explicação
do mysterio? Cerra as paginas da Bi-
blia e mira o teu rosto no crystal do
espelho.

Teus olhos... O Cháos, de certo,
não era tão escuro. E' possivel que
esista maior treva? Dize, já viste noite
alguma comparavel ás tuas pupilas?
Emtanto, repara como scintillam, vê
quanta luz expandem. Teus olhares,
teus olhares... que luz d'astros á mais
fulgurante?

Se o meu amor arranca dos teus
olhos tanta luz, porque duvidas de
que Deus houvesse do Cháos tirado
o sol da madrugada e as estrellas das
noites? Que maior trevas queres, meu
amor, do que a de teus olhos e que
mais astros queres do que as tuas
luminosas pupilas.

VI

— Delicioso aroma! disse alguém
tomando-me das mãos o lenço que
eu trazia.

Delicioso aroma! Achei curioso.
Eu nesse, não perfumara o lenço.
Para convencer-me aspirei-o tambem
e sahi-me espontanea a mesma ex-
clamação: — Delicioso aroma! E pen-
sei. Teria eu mesmo perfumado o len-
ço? não com certeza. Demais, aquella
essencia tão delicada, tão subtil tão
branda, jamais eu possuira. Que flor
teria tão estranho aroma...? Não me
constava que tal flor houvesse;
entretanto, por força, ella existia. De
repente lembrei-me: — Meu lenço, nes-
se dia, roçara brandamente pelas ro-
sas do teu rosto.

O GRANDE PAIZ

Nunca li nenhuma obra de historia ou de geogra-
phia que tratasse da grande cidade da Pipiripaila, apezar
de ser esta a parte mais notavel do formoso paiz da
Pipiripaila, o qual, constituído á maneira de federação,
apresenta a singularidade de contar entre as suas leis a
de cada cidade ter uma especie de rei, eleito pelos
seus concida-
dãos, como os
senhores das an-
tigas Behetrias.

Este rei, que
pode ser nomea-
do e destituido
qualquer dia,
contrae, ao ocu-
par o posto
mais elevado do
Estado, a obri-
gação de deixar
ao seu successor
uma Memoria
minuciosa do
que tiver aprendi-
do no poder,
que é um bom
mestre de tudo
quanto diz res-
peito ao coração
humano.

Existia, já ha
alguns annos, na
Pipiripaila, um
ancião venera-
vel, o qual, ten-
do casado quan-
do era moço, te-
ve uma filha; e
esta filha com o
andar do tempo,
fêl-o avô de qua-
tro pimpolhos
alegres e endia-
brados, que ti-
nham na epocha
da nossa narra-
ção, nove, oito,
sete e seis an-
os respectiva-
mente, o que era
para elles uma
grande fortuna,
e não contavam
com outro ampa-
ro sinão o avô,
o que segundo
este dizia, era
uma grande des-
graça. Chama-
va-se o doutor
X; adorava os
netos, e era ado-
rado pelos com-
patriotas, desde
o primeiro até o ultimo. Levantava-se ao
amanhecer; encerrava-se no gabinete de estudo até a
hora do almoço, e depois não fazia mais nada, sinão
entretêr-se com os pequenos que invadiam diariamente,
com grande algazarra, o retiro do sábio para o avi-
sarem de que a mesa estava posta. Uma vez os ange-
licaes diabinhos faltaram a este costume; o doutor,
assustado, correu á procura delles para averiguar a
causa, e, cheio de espanto, encontrou-os muito entre-
tidos a desfiarem um pedaço de um lenço de seda.

— O que estão fazendo, senhores? perguntou-lhes.
— Avô, disse o Benjamin do quarteto, estamos vendo
como são os fios da seda para nós a fazermos, e não
podemos acertar. Ensine-nos o avô, que sabe tudo.

Naquelle momento deram umas poucas de argolas da
na porta da casa, e ouviu-se o rumor surdo e prolon-
gado que produz a agglomeração de gente. Um creado
foi abrir a porta, e, como um enxame de abelhas rui-
dosas sahindo precipitadamente da colmeia penetrou em
casa uma multidão de povo, ansiosa por ver o doutor.

O mais velho do grupo tomou a palavra, e disse:

— Senhor dr.,
a cidade de Pi-
piripaila quer
ser feliz, e nin-
guem até hoje,
encontrou meio
de o conseguir.

A cidade de
Pipiripaila aclama-o rei, e nós
vimos em nome
de todos os seus
habitantes, dar-
lhe esta noticia.
O senhor doutor
vale muito, sabe
muito e é esti-
mado. Deseja-
mos paz e jus-
ticia; que se re-
compense o tra-
balho e se cas-
tiguem os deli-
ctos; que au-
gmentem os gér-
mens de riqueza
e se dê fim aos
males que, por
indignidade de
uns e má fé de
outros, nos têm
sempre perse-
guido. Compá-
nhieiros, viva o
doutor!

— Viva o novo
rei!

— Viva!...

Foram inuteis
as recusas e vā
a resistencia. O
velho sábio teve
de resignar-se a
ser rei da Pipi-
ripaila, e depois
das cerimoniaes
do costume, di-
rigiu aos seus
subditos as se-
guintes pala-
vras:

— A prudencia
e a justiça de-
vem ser os uni-
cos conselheiros
do que governa;
os cognomes de

farei tudo o que puder para merecer
prudente e justiciero.

Na manhã seguinte, o chefe do Estado sahiu de
madrugada e regressou com uma caixinha de madeira
forrada interiormente de papel e contendo algumas se-
mentes de bichos de seda cobertos com papeis esbura-
cados e com algumas folhas de amoreira silvestre. Cer-
cado pelos quatro industriaes em flor que no dia ante-



... O velho sábio teve de resignar-se a ser rei de Pipiripaila ...

cedente queriam fazer seda, mostrou-lhes a caixa, dizendo-lhes que daquelles ovos haviam de nascer umas lagartas pequeninas; que no fim de uma semana estas largariam a pelle, o que se repetiria mais tres vezes, uma dez dias depois do nascimento, outra dezeseite dias depois, e outra vinte e quatro, época em que os bichos chegavam ao seu completo desenvolvimento e que haviam de comer com voracidade espantosa; e que depois, subindo a um bosquezinho que lhes havia de fazer com giestas, cuspiriam um licór, o qual, solidificado pelo ar, se converteria em fios, com que elles constróem o casulo onde se encerram, para sahirem mais tarde transformados em borboletas. As creanças, maravilhadas com a descripção do avô, não pensaram, desde aquelle dia, em mais nada, senão em seguir passo a passo aquella serie de prodígios, lastimando que o tempo não accelerasse a marcha para se approximar o momento em que a crysalida se metamorphosea e rompe as paredes da prisão.

O doutor, entretanto, dava ordens e mais ordens, destinadas a tornarem felizes os habitantes da Pipiripaila, e estes cheios de confiança no seu rei elogiavam-o constantemente, com enthusiasmo, certos de que a cidade entrava em um periodo de prosperidade e grandeza sem exemplo na sua historia.

Como o que é bom dura pouco, em breve começaram as cousas a tomar outro aspecto.

— «Avô, dizia com frequencia ao doutor algum dos quatro orgãos; faça com que os bichos cresçam mais depressa. Quer que os ponha na terra? — Avô, faça com que comecem o casulo. Quer que metta um no bolso para o mostrar aos vizinhos? — Avô: faça com que hoje mesmo se transformem em borboletas; sinão, matou-os. — Avô, é impossivel esperar mais; tiram-se-lhes as folhas, já elles não perdem o tempo a comer.» O doutor diligenciava abrandar engenhosamente estas conjurações contra as industriosas lagartas, tratando de convencer os innocentes conspiradores de que não se vai de um ponto a outro por caminho errado.

Sucedeu o mesmo, pouco mais ou menos, com os que o aclamaram soberano. Um queixava-se de que tal medida era absurda (porque não o deixava ganhar mais do que dez por cento nos seus negocios commerciaes, que sempre lhe tinham rendido mais de cincoenta); outro pretendia que não se fizesse nenhuma exploração nas propriedades rusticas (porque tinha algumas occultas, e, sendo descobertas, obrigal-o-iam a pagar maior contribuição); um outro achava inutil a criação de uma guarda rural (porque ás vezes tirava das casas de campo e das eiras o que não lhe pertencia); todos, enfim, pediam em altas vozes muita ordem, muita legalidade e muita justiça, e todos queriam que ao mesmo tempo os deixassem na liberdade de serem illegaes e desordeiros no que lhes tocasse de perto, ainda que dahi resultassem graves prejuizos para outras pessoas e para o Estado. O doutor ouvia com affabilidade os que o procuravam, semeando bons conselhos com a esperança de colher virtudes logo que os seus subditos comesçassem a notar os resultados magníficos do seu intelligente e honrado systema de governar.

Cresceram os bichos, subiram ao bosque de giestas, e começaram a suspender os preciosos fios para tecerem os casulos. Os netinhos do rei da Pipiripaila estavam radiantes contemplando as lagartas transparentes e rosadas; mas um delles notou que, ao pé da janella entrabera, por onde penetravam alguns raios de luz na casa, estava uma aranha, balouçando-se no centro da sua teia movel. Falou-se do assumpto com toda a gravidade, correspondente á idade e sabedoria dos nossos heroes, e concordou-se unanimemente em que como ninguem a tinha visto, a aranha não estava ali

no dia anterior, e que, portanto, para vergonha dos preguiçosos, construíra a sua teia em algumas horas. A consequencia immediata deste raciocinio foi cada um dellas arrancar algumas giestas do bosque. Deitaram-as ao chão, gritando: «preguiçosos!... vadios!... mandriões!» e espesinharam os ramos e os bichos, com grande jubilo, destruindo assim a obra e as esperanças de algumas semanas. Quando acabava de consumir-se a violencia, chegou o doutor: ouviu as razões com que os criminosos justificaram a sua conducta, e, absolvendo-os, disse consigo mesmo: — «Eu sou o unico culpado; quem me mandou ensinar a estes garotos o que não são capazes de comprehender?»

Não era terça-feira, nem chovia, nem se tinha tornado sal na mesa do illustre doutor: mas aquelle dia estava destinado a experimentar a paciencia constante do sabio, que, pouco depois do fim tragico dos bichos de seda, ouviu gritos confusos de grande estrondo no largo que ficava em frente do palacio real. Escondido em uma janella presenciou o que estava succedendo. Em uma tribuna improvisada estava um rapazote falando á multidão. — O que ganhou a grande cidade, dizia, com o governo do doutor X...? Onde estão os prodígios que se esperavam? Fulano, que de antes pagava quatro pesetas de contribuição, paga hoje cinco duros. (A razão da differença consistia em que Fulano pagava antigamente menos 84 reaes do que devia pagar). — Sicrano, um empregado que se interessava por toda a gente, foi demittido. (Tambem aqui passava em silencio que Sicrano se servia do seu emprego para se vender a todos que o queriam comprar). — Beltrano, immortal autor de zarzuelas buffas está morrendo de fome. (Não declarava que o pobre doutor não soube nunca se os seus subditos iam ou deixavam de ir ao theatro, e, portanto, nem era culpado de terem tido o mau gosto de proteger durante algum tempo o genero buffo, nem que o esquecessem depois, fartos de serem imbecis). — Não acabaram os tributos; não se aboliram as decimas; não se pode viver. Cidadãos: ha alguma que tem estudado as necessidades da nossa querida patria e saberá regenerar-a: não haverá contribuições de genero algum: não haverá exercitos nem guerras; seremos todos livres, felizes, e eguaes... Abaixo o rei doutor!

— «Abaixo!»

— «Fôra os velhos!»

— «Fôra!»

— «Viva a nova idéa!»

— «Viva!»

O doutor retirou-se da janella murmurando: — «Isto é outra aranha; mais daminha, porém, da que enganou os meus pequenos.»

Cresceu a insurreição, si assim podemos chamar-lhe; deram largas ás suas queixas os que não tinham conseguido torcer a justiça severa do velho rei; fizeram córo todos os que esperavam favores de uma nova situação, e a felicidade federal da Pipiripaila, flor e nata do formoso paiz da Pipiripaila, annunciou ao doutor que podia retirar-se para o seu gabinete de estudo, de onde não devia ter sahido. O monarcha destronado passou muito tempo considerando que, de idolo o tinham transformado em objecto de odio; que a idolatria nasceu e durou enquanto elle não fez nada pela patria, e que o descontentamento dos seus compatriotas fóra causado pela publicação de leis justas, equitativas e humanitarias.

A Memoria que escreveu para o seu successor constava apenas, do periodo seguinte, que ninguem pouda entender: «Durante o meu governo aprendi duas cousas: a primeira que ha alguém que, desejando ter seda, começa por matar a lagartinha que a produz; a segunda, que não faltam nescios que se enthusiasmem com as teias fabricadas pela aranha.»

Pedro Maria Barrera.

MOVEIS, MOVEIS,
os melhores,
os mais baratos, na

CASA PRIMOR

J. DE OLIVEIRA COSTA
AVENIDA BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 61
CAIXA. 1195 — TELEPHONE. 4905 — S. PAULO

O VELHO

Um tepido sol de outomno cabia no pateo da herdade por cima das grandes falas que marginavam as fossas. Sob a relva tosada pelas vacas, a terra impregnada de chuva recente, achava-se encharcada, e n'ella se enterravam os pés despertando o ruido da agua; e as macleiras, carregadas com o seu fructo, semeavam as suas maças de um verde pallido no verde carregado de ervagem.

Quatro bezerras pasciam, prezas em linha, e mugiam a espaaça para a casa da herdade; as aves domesticas punham um movimento colorido sobre a estruemeira, defronte o estábulo, e esgaravavam, remexiam, encarejavam, em quanto que os dois gallos cantavam sem cessar, procuravam vermes para as suas gallinhas, pelas quaes chamavam com um cicarejo apressado.

A cancela de madeira abriu-se; entrou um homem que teria talvez os seus quarenta annos mas que parecia ter sessenta, enrugado, curvado, marchando a grandes passos vagarosos, pesados, para mais com uns grosseiros tunicos cheios de palha. Os seus braços muito compridos pendiam-lhe nos lados do corpo.

Quando se approximou da herdade, um cão rafeiro amarello, preso ao pé de uma enorme pereira, no lado de um barril que lhe servia de nicho, remecheu a cauda, e poz-se a latir em signal de alegria.

O homem gritou-lhe:

— Está calado finório!

O cão calou-se.

Uma camponeza sahira a esse tempo de casa. Seu corpo largo e ossudo desenhava-se sob uma camisola de lã que lhe apertava o corpo. Uma saia parda muito curta, dava-lhe pelo meio das pernas calçadas em meias azues, e trazia tumbancos forrados de palha. Uma touca que fóra branca e se tornara amarella, cobria-lhe alguns cabellos collados ao cráneo, e o seu rosto trigueiro, magro, feio, desdentado, mostrava essa physiognomia selvagem que tem muitas vezes o rosto das camponezas.

O homem perguntou:

— Como vae elle?

A mulher respondeu:

— O senhor cura diz que está nas ultimas, que não passará d'esta noite.

Entraram ambos na casa. Depois de terem atravessado a cozinha, penetraram no quarto, que era baixo, escuro, illuminado apenas por uma claraboia, deante da qual pendia um farrapo. Os grossos barroteos do tecto, brunidos pelo tempo, negros e enfumados, atravessavam o compartimento de um lado no outro, supportando o delgado forro do sótão, onde corriam, de dia e de noite, rebanhos de ratos.

O solo da casa era de terra amassada, humido, parecendo engordurado, e no fundo do compartimento apparebha-se o leito formando vagamente uma mancha branca. Um ruido regular, rouco, uma respiração dura, arquejante, sibillante, com um como que gorgolejamento de agua d'esses que faz uma bomba quebrada, partia do quarto denegrido onde agonizava um velho, o pae da camponeza.

O homem e a mulher approximaram-se e olharam o moribundo, com o seu olhar placido e resignado.

O genro disse:

— D'esta vez é que é certo: não passará d'esta noite.

A caseira respondeu:

— Desde o meio dia que elle gorgoleja assim.

Depois calaram-se. O pae tinha os olhos fechados, o rosto cor de terra, tão secco que parecia talhado em pau. A bocca entreaberta deixava-lhe passar a respiração marulhante e dura; e o lençol de punho pardo elevava-se sobre o seu peito a cada aspiração.

O genro depois de um longo silencio, disse:

— Deixa-o acalhar. Não lhe podemos fazer nada. Em todo o caso não deixa de fazer differença p'ra couvinho, uma vez que o tempo é bom e que tenho que o plantar amanhã.

A mulher pareceu inquietar-se aquelle pensamento.

Reflectiu alguns instantes, depois declarou:

— Uma vez que elle está a acalhar, não o enterrarei antes de sahido; terás tempo amanhã de plantar o couvinho.

O lavrador meditou e disse:

— Pois sim, mas amanhã é preciso ir convidar para o enterro, e preciso de boas cinco ou seis horas p'ra ir de Tourville a Manetot convidar todos do mundo.

A mulher, depois de ter reflectido por espaço de dois ou tres minutos, disse:

— E amanhã, só lá p'ras tres horas é que poderás principiar o giro, e só a noite poderás estar de volta de Tourville. E' melhor iras hoje. Podes muito bem dizer que elle já acabou, uma vez que elle não passará d'esta noite ou pelo mais d'amanhã ao meio dia.

O homem ficou alguns instantes perplexo, pensando as consequencias e vantagens da idéa. Afinal declarou:

— Não faz mal, irei hoje.

Ja já a sahir; voltou, e, depois de uma hesitação:

— Uma vez que não tens hoje que fazer, vae buscar as maças p'ra cozer, e depois faz quatro duzias de bolos de fructa p'ros convidados que vierem no enterro, visto que é preciso a gente confortar-se. Accende o lume com a lenha que está no telheiro do lagar. Ella já está secca.

E o homem sahio do quarto, entrou na cosinha, abriu o buffet, tirou um pão de seis arrateis, cortou com todo o cuidado uma fatia, recolheu no cavado da mão as migalhas que tinham cahido sobre a mesa e atirou-as para a bocca para nada desperdiçar. Depois, levantou com a ponta da faca um pouco de manteiga salgada num funlo de um pote de barro escuro, barrou com ella a fatia e poz-se a comel-a lentamente, como lentamente fazia tudo.



... de repente, uma velha camponeza que ficara junto ao moribundo ...

OS NOSSOS CONCURSOS

Os nossos concursos infantis obedecem sempre a um fim estético ou instrutivo; devem fazer, pois, que nossos filhos os acompanhem.

O nosso concurso de hoje é destinado a desenvolver a imaginação das crianças e incitar-lhes o gosto literário. É um concurso de composição livre, em que deixamos toda a liberdade ao pequenino cérebro da criança para que se revelem suas faculdades, ainda em embrião. Trata-se de uma partida feita pelo cão ao urso. E o pobre urso desolado e furioso pede aos nossos pequenos leitores, que lhe ensinem que partida poderá ele inventar para pagar ao cachorro na mesma moeda... Fica pois livre a imaginação da criança, descobrir o meio de o urso vingar-se. Oferecemos um prêmio ao menino e à menina que nos enviarem a resposta mais espirituosa e mais bem redigida e publicaremos nesta seção as melhores premiadas. Ah! veja a história:

O URSO E O CÃO LAVRADORES

O cachorro aborreceu-se um dia de viver sempre junto ao homem, preso em casa, tendo que lambear as mãos de toda a gente, até da preta cosinheira, para ganhar a comida e tendo que adular a todos para que o não enotassem. De dia prendiam-no à corrente. À noite, quando toda a gente via para o cinema e para o teatro, ele tinha que ficar, guardando a casa! Ora isso não era vida, mesmo porque os cachorrinhos pequenos, de luxo, os que andavam nos braços dos patrões, saíam passear de automóvel, iam a tudo que era cinema e teatro e alguns tinham até a chave da porta da rua, para sair à noite! Isto quem contou foi o gato e vai por conta dele... O gato nunca foi também ao cinema, mas conhecia tudo que era fita, porque ficava na sala, embaixo da rede, fingindo que dormia — aquilo é um malandro! — e ouvia toda a conversa da gente grande.

Logo que acabava a conversa ele vinha todo pimpão para o canil e de longe, onde a corrente não deixava o cão chegar, saía-se com suas prosas.

— Imagine você, seu cachorro, que a patrão me contou isto e me contou aquilo e me contou mais aquilo outro... — era como ele começava. — E a patrão me fez no collo e o patrão me fez cafunés e a pequena me arrepiou o pelo, etc. etc.

O cachorro ia ouvindo, ia ouvindo... até que de repente arreganhava os dentes e roncava grosso.

Acabava a prosa do gato e ele saía murcho, cuspiendo de longe:

— Com você a gente não pode conversar! Vem logo com suas valentias! Por isso é que o puzeram na corrente, desgraçado!

— Espera de noite, quando me soltarem, que eu te mostro! — gania o cão.

— Mostra, nada! — respondia o gato. — Quando o soltarem eu já estou lá em cima do telhado, mirando junto da chaminé!

A vida assim não podia continuar e um dia o cachorro fugiu e ganhou o matto.

— Ah! — suspirou elle quando se sentiu livre. Felizmente não tenho mais ninguém que me mande!

Não se lembrava o cachorro — como também não se lembram alguns meninos que querem muita liberdade — que se não tinha ninguém mais que lhe desse ordens, não tinha também quem lhe desse de comer... E o pobre do cachorro que não estava acostumado a trabalhar e que sempre achara tudo promptinho, viu-se atrapalhado e andou passando fome. Mais dia, menos dia, encontrou o urso e fez camaradagem com elle.

A gente em viagem faz camaradagem com todo o mundo! Experto, como sempre foi o cachorro, vendo o urso forte, espadaúdo e pesadão, disse consigo mesmo:

— Vou arranjar minha vida com elle. Está ahí, está meu empregado!

E logo lhe propoz uma sociedade para fazerem ambos uma plantação, de onde pudessem tirar a vida. Expor os seus planos, fez vêr que os homens enriqueciam com a lavoura, contou que havia mercados na cidade, que era só chegar lá e vender, etc. etc., até convencer o urso.

Bons amigos e socios escolheram ambos o lugar para a plantação e o cachorro dispôs o serviço. O urso ficava incumbido de cavar a terra e deixá-la prompta para semear, enquanto o cachorro tomava por sua conta a tarefa mais difficil — conforme elle dizia — que era ir arranjar a semente!... A terra era dura e o coitado do urso suou! Quando o cachorro voltou, encontrou tudo prompto.

— Aqui está! — disse o cachorro e apresentou uma espiga de milho.

O urso deu-se ao desespero e protestou contra a desigualdade do serviço. Elle tinha trabalhado feito um mouro, enquanto que o cachorro nada havia feito mais que arranjar uma espiga de milho. O cachorro porém explicou que tinha sido muito difficil a sua tarefa, que o urso nunca tinha saltado muro, por isso não sabia quanto era difficil e acabou por dizer:

— Como você allega que trabalhou mais do que eu, vamos fazer um contracto, antes de semear o milho. Quem cavou a terra foi você...

— Só eu! — disse o urso.

— Está direito, só você! Então tudo quanto crescer embaixo da terra, que foi só você que cavou, é seu.

— Muito bem! — disse o urso.

— E tudo quanto crescer para cima da terra, é meu. Serve?

O urso aceitou contente a proposta e fez-se a plantação. Quando o milho cresceu e chegou o momento de colher as espigas, o cachorro tomou conta dellas e disse ao urso:

— Você fica com o que está embaixo da terra...

O urso urrou indignado, mas o cachorro fez vêr que não tinha sahido do contracto e o urso vencido propoz que separassem a sociedade e que de futuro cada um trabalhasse por sua conta.

Ao cachorro porém não convinha perder o socio, que tanto tinha de gordo quanto de burro e retorquiu-lhe:

— Não é preciso isso! Separar sociedade para que? Você não gostou da combinação, pois vamos fazer o contrario no anno proximo. Tudo quanto crescer da terra para cima será seu e tudo quanto crescer da terra para baixo será meu! Serve?

— Ah, bom, assim está direito! — disse o urso e preparou de novo a terra. Quando chegou a epoca de semear, o cachorro appareceu com umas batatas e explicou ao urso:

— Isto que você aqui vê, são batatas doces. E' muito melhor lavoura que o milho. Dá que é uma praga e não precisa carpir, não precisa limpar, não precisa nada...

— Pois então vamos a isso! disse o urso.

Plantaram as batatas e quando chegou o tempo da colheita, o cachorro começou a colher as batatas só para elle.

— E eu? — disse apavorado o urso.

— Você fica com o que está da terra para cima! Foi você mesmo que quiz mudar o contracto!...

O urso desesperado jurou vingar-se, mas não sabe como e vem pedir aos pequenos leitores da *Revista Feminina*, que lhe ensinem uma partida para elle pregar ao cachorro, que por duas vezes o embrulhou, como qualquer socio de industria embrulha a um commandario.

Respostas por carta a

Bob Tim.

P. S. — As respostas devem ser enviadas a Bob Tim, Revista Feminina, Alam. Glette, 87, S. Paulo.

O GATO PESCADOR

(PARA CRIANÇAS)

Pequitita estava dando sua lição de musica.

O gatinho entusiasmado poz-se a miar acompanhando a musica. Pequitita e o professor voltaram-se para vêr o gato e derrubaram a estante da musica, o que deixou o professor desesperado e fez com que Pequitita puxasse o gato até o quarto, onde o deixou preso. No quarto havia um vaso de crystal com peixes. Como pescal-os? — pensou o gato. Mas eis que viu a um canto uma bengala e sobre uma mesa um cesto de costura. Em dois tempos virou o cesto, apanhou um novelo de fio que nelle estava e com a bengala, o fio e um alfinete, arranhou com o que pescar.

Quando Pequitita veio soltar-o, ao fim da lição elle já estava engulindo o ultimo peixe!

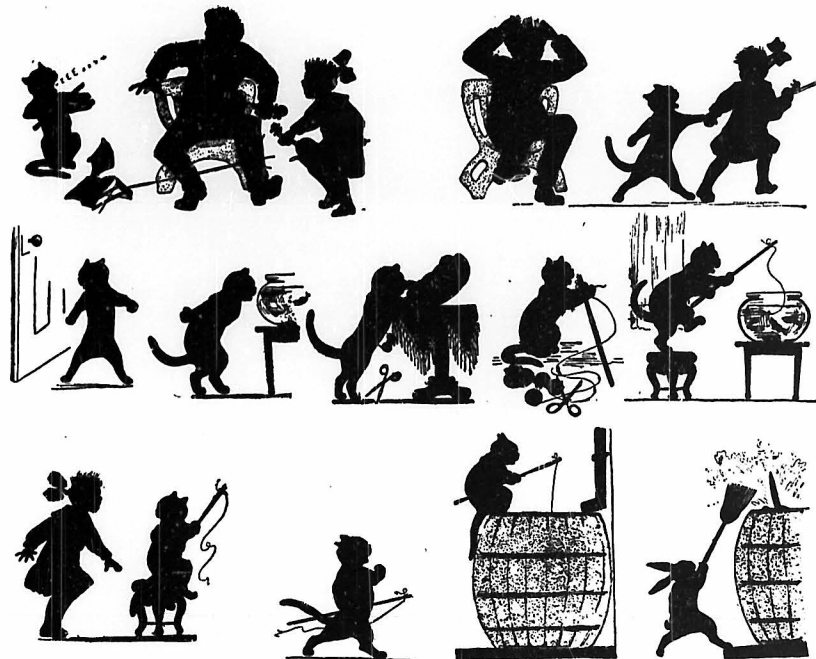
Pequitita repreendeu-o severamente, mas o gatinho sem se desconcertar, respondeu-lhe que como ouvira sua mamãe dizer que a radiação era a mãe de todos os vícios, para não ficar vadiando se puzera a pescar!

E antes que Pequitita lhe puxasse as orelhas sahiu todo pimpão, como uma pessoa grande, com a sua vara de pescar e foi para o quintal, ver si pescava mais alguma coisa na pipa de agua.

Uma lebrinha, que lhe tinha odio, vendo-o de costas e descuidado, apanhou uma vassoura e veio pé ante pé, até que lhe deu um mergulho, que foi o castigo de toda sua travessura!...

Assim muitas vezes acontece aos meninos travessos!

Baby.



LOGICA FEMININA

A J. MACHADO

Sete horas! Sahira Clotilde, nesse dia, a visitar as amigas e tardava para o jantar. O Zeferino começava a impacientar-se: almoçara apenas dois ovos *à la cog*, e tinha o estomago pregado às costas.

A campainha por fim tilintára, e o creado japonês, envergando às pressas o paletot, correu a abrir a porta.

Era ella! Vinha deliciosa, levemente corada do frio, toda *emmitouffée* nas suas *fourrures*, trazendo nos lábios um doce sorriso para o marido:

— Estás zangado? — perguntou-lhe. — Cheguei um pouco atrasada?!...

E graciosamente se desfez dos seus agasalhos, atirando-os para cima do sofá.

Antes que lhe dêsse elle uma resposta, annunciou ella:

— Vou-te contar uma cousa que vaes cair das nuvens!

E era sempre assim nos dias que sahia Clotilde a visitar as amigas: trazia novidades ao Zeferino, que, por vezes o punham perplexo.

Depois, á mesa, quando se encontravam diante do prato de sopa a fumar, disse-lhe ella, desdobrando o guardanapo:

— Sabes quem se vaes casar?.. Não és capaz de adivinhar!

— Quem?

— O Plácido!

— O Plácido?!... — e o Zeferino registou os olhos, crescendo na cadeira. — Não é possível! Estás a caçar! Isso certamente é uma brincadeira!

— Dou-te minha palavra! Quem me contou foi a Rosa Moraes...

— Mas é o cumulo!... O Plácido casar-se?! Se a mulher lhe morreu outro dia! Não faz dois mezes que está o homem viuvo! É impossível!

— Impossível seria se não fosse elle homem!

E, sorrindo, acrescentou Clotilde:

— Vocês são todos os mesmos!

O Zeferino, porém, fez como se a não ouvisse; continuou:

— Juro-te: se me viessem annunciar que elle se havia suicidado, eu acharia mais natural!

— Também eu! Mas, o facto é que está noivo!

— Ora, céos! Noivo o Plácido!... Que barba azul! Essa só mesmo delle! Pobre da d. Andreza! Foi de pressa esquecida!... Saffa! Quem havia de dizer!...

— E' verdade! Quem havia de dizer!... Tão felizes que pareciam ambos!...

— Uma esposa daquellas! Um modelo de virtudes!... Nunca vi uma casa mais em ordem, mais asseada, como ella a trazia! E como queria bem o Plácido!...

— Queria-lhe bem, com effeito, coitada! Escrivasse-se por amor delle! Não sahia mais: vivia a cuidar da cozinha: a mandar-lhe fazer quitutes, doces... Não, decididamente o Plácido é um ingrato!

— Um typo!

E, em silencio, com ar condolente, a balouçaram a cabeça, trocaram os dois um olhar prolongado.

Após um momento, perguntou-lhe, de chofre, Clotilde sensibilizada:

— E tu, ó Zeferino, se eu morresse tu te casarias de novo?

— Eu não, Deus me livre! — respondeu-lhe elle vivamente, sem reflectir.

E ella, transformando-se de subito, fez-se escarlate: annelou as narinas:

— Por quê Deus me livre?! — Interpellou-o. — Acaso tenho sido assim tão má esposa?!... Tenho-te tornado tão pesada a vida?!...

— Ora, essa! Que idéa Clotilde!

— Que idéa, não senhor! Que a tua resposta me deixa, devéras, pensativa!

— Eu nada mais quiz que render-te uma homenagem!

— Desse modo?!...

— Pois está claro! Não estavamos a censurar o procedimento do Plácido que se vaes casar?

— Mas, é que, o Plácido, se pensarmos bem, casasse de saudades da Andreza, por não poder mais supportar a vida sem ella! Imagina, como não tem o desgraçado o coração, para dar semelhante passo!

O Zeferino, tolhido, não sabia mais que havia de dizer: mostrava-se apalermado:

— Ora, essa! — esbugalhava os olhos e abria a bocca.

Clotilde, com as lagrimas na garganta, proseguia:

— Sim, perfeitamente! Não tivesse sido a Andreza uma boa esposa, e elle, então é que se não casaria mais!... Também havia de dizer, como tu, — Deus me livre!

E, levando as mãos á cabeça, sahio da sala gemendo:

— Ai! ai! ai! deu-me a enxaqueca!...

O Zeferino levantou-se; antes, porém, de lhe ir ao encaço, fitou na mesa um olhar doloroso, e rosnou:

— Bonito! Não pude tomar nem o prato de sopa! Eu que estou apenas com dois ovos no estomago! E havia de cair novamente na esparrela?! Deus me livre!

(Villa Fortunata)

Régé Thiollier.

— Ao Tiêté —

A Dona Prescilliana Duarte de Almeida
(com muita admiração)

*Velho Tiêté cansado, enfurecido e rouco,
Raivoso a se esbater como si fôra um louco
E a rufar como doido esse tambôr de pédra
Onde nem mais siquer a própria urze medra!*

*— Quizera compriender, Velho Tiêté cansado,
Tudo quanto em teu peito occultas do passado,
E as saudades que tens dos tempos tão distantes
Em que ouvistes cantar flos velhos bandeirantes!...*

*Mas, eu que sou Paulista, em tuas amarguras
Confundo a minha dôr e todas as torturas
Em que me fiz irmão de ti... E nessas aguas
E' que eu venho lavar todas as minhas maguas.
Como ségues assim, eternamente — eu sigo,
Pela vida a esbater de tropeço em tropeço...
E como tu careces eu também careço
Da existencia arrastar, levando as emoções
De tanta dôr soffrida e tantas iluzões.*

(Do "Alma Enferma" em preparo)

S. Paulo 916.

Eugenio Fonseca Junior

Ritual das mães

A MULHER é o primeiro factor da força e da grandeza das nações e pelo seu aspecto de meiguice e de delicadeza deve desejar a paz e fazer votos por ella. Mas si por um lado foi ella creada, como as flores, para alegrar e dar perfume e brilho e consolo á vida, por outro lado está intimamente ligada á unidade nacional.

Sua função é o lar, mas a segurança do lar depende da segurança da Patria. Ella deve amar o lar e resumir nelle a sua vida. O seu lar porém é apenas uma parcella de um lar maior, que é o lar Nação, que abriga todo seu povo, ou seja, todos os lares de sua raça.

Resumir a sua vida no seu lar, quer dizer portanto, resumir a sua vida na sua Patria. Dar o seu amor ao seu lar, é dar o seu amor á sua raça. E nem a sua patria, nem a sua raça poderão manter sua integridade, sem que ella implante no coração de seus filhos, o sentimento altissimo do amor ao lar commum. Não basta preparal-os para defender a casa, porque a casa é apenas uma molecula de um todo, que só vive pela cohesão. Si o invasor um dia conseguir pene-

trar nesse todo e rasgar os seus symbolos e suas tradições, o lar individual ficará sem defesa e sem amparo.

A guerra é um phenomeno previsto e fatal na evolução de todos os povos. Amanhã ou depois ella poderá ensanguentar o nosso solo, como ora ensanguenta e enluta nações, hontem prosperas e felizes.

Lembrae-vos mães brasileiras, cada dia e cada hora, de verdade tão cruel! Lembrae-vos que amanha o braço do invasor poderá profanar vossa terra, destruir vosso lar, aniquilar vossa patria, conspurcar os tumulos de vossos maiores, mutilar vossos filhos, violar vossas filhas...

... prepara e no coração de vossos filhos o sentimento forte, grande e invulneravel, que se chama patriotismo.

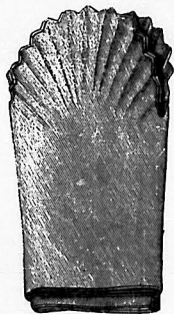
Prepara e o soldado de amanha e só assim tereis garantido o vosso lar, que

é o resumo de vossa vida e a sublimidade do vosso sexo!

Dr. Claudio de Souza

(Da Academia Paulista de Letras)
(Colaboração especial para a Revista Feminina de S. Paulo)

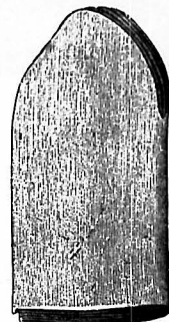
Trabalhos Femininos



Detalhe da papoula



Flor de Papoula



Detalhe da azaléa

RAMALHETE DE AZALÉA

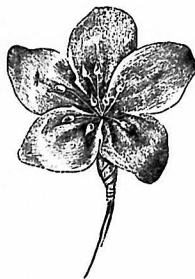
Este ramalhete se compõe de azaléas vermelhas, rosas brancas, de botões e folhagem verde.

Para executar uma azaléa, toma-se uma tira de papel tendo 6 cent. de largura, dobra-se de maneira a lhe deixar 3 cent. de largura. Depois se corta em oval na beira superior e se formam os lados com um canivete conforme o detalhe da figura.

Tomam-se 9 estames e enrola-se com lixa grossa em um arame formando desta maneira a haste. Dispõe-se as pétalas da flor em volta dos estames atando-as.

Cobre-se o papel fixado em volta do arame com uma tira de papel verde musgo tendo um centímetro de largura, o que forma o calice.

Recobre-se a haste com papel verde e se recurva um pouco a haste da flor.



Flor de Azaléa

RAMALHETE DE PAPOULAS

Faz-se este ramalhete com papoulas de diversas cores, botões e folhagem verde.

Um de nossos desenhos, n. 2, representa uma papoula e um botão que se pode executar com tiras de papel simples ou dobradas.

Escolhe-se habitualmente para as flores vermelhas e para as papoulas, um pouco espesso.

Executa-se as papoulas da mesma maneira que as azaléas, mas não se emprega para as papoulas sino um só pistilo em torno do qual se dispõe os estames.

Fazem-se as tiras de papel e encaixam-se conforme a indicação do nosso desenho representando o detalhe da papoula.

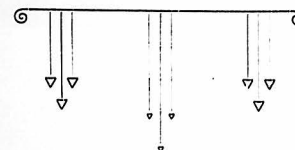


Ramalhete de papoulas

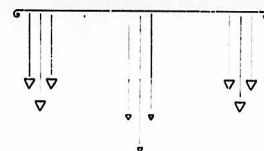
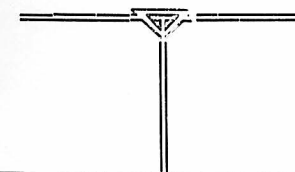


Ramalhete de azaléa

Trabalhos de senhora

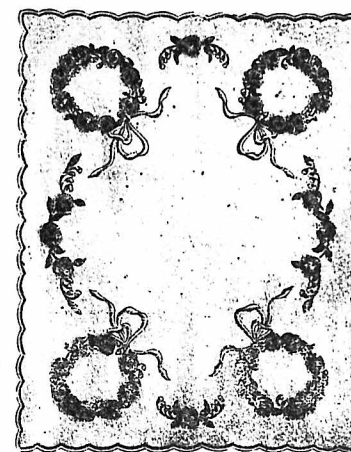
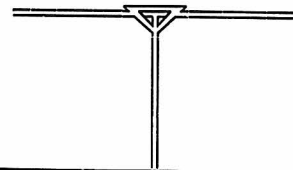


Vestidinho para criança de 1 a 2 annos em linon mousseline, com pequenas pregas de linon, alternadas com grinaldas em bordado inglês; termina em talco, num plissé. Costuras de espaldas e solo os braços. Mangas terminadas por um punho pregado de enfeitado de renda valenciana que vai também na gola.



COBERTA PARA BERÇO

Esta coberta se executa em flanela branca felpuda e mede 80 centímetros de comprimento por 12 centímetros de largura. As flores, são bordadas com seda azul pallido e o centro com amarelo; os laços são de seda artificial verde claro; os botões são de rosa; todas estas cores devem ser em um tom muito delicado.



" CASA BONILHA " — Cobertores de lã e de algodão. Edredons de setim e de setineta —
" RUA DORTCHES N. 219 " — — — A PREÇOS DE RECLAME — — —

A MODA

NÃO é necessário dizer-lhes, minhas queridas leitoras, que Epiphany, o meu enamorado poeta, depois do caso do chapéu da rua de la Paix, levou uns quinze dias sem aparecer... Pudera! O sabonete que lhe dei era para uma dérapage nua menor. Hontem reapareceu-me contrito, com um ar de supplica e com duzentos alexandrinos, dos quaes me leu uma duzia, nos quaes successivamente me classificava de rubra papoula, casto lyrio, modesta violeta, altiva rosa, orgulhosa penia, lindo e espinhoso cactus, dorido cinamomo e não sei que mais! Atalhei-o ao fim de uma duzia, de medo que pelos trezentos versos abaixo, esgotadas as flores, elle acabasse por qualificar-me entre os legumes ou entre as fructas, pondo o seu amor em salada... Acredito piamente, sem nunca a ter provado, que de todas as saladas deve ser esta a mais indigesta. E como lhe exprimissem tal convicção Epiphany protestou, novamente revoltado:

— A senhora, como todas as moças de hoje, tem muitos jornaes de modas na imaginação e um sorvete no peito!...

Passou assim, de um salto, da salada á sobremesa. Perdoei-o e ri-me, porque a unica razão de ser do homem na terra é fazer rir ás mulheres. E nesta arte Epiphany é excellent! Como os demais toda sua eloquencia, todo seu lyrisimo, toda sua imaginação, desapparecem de chofre ao mais ligeiro sorriso da mais ligeira ironia de uma mulher.

Si eu fosse homem!... Todos nós dizemos isso, mas é positivo que se qualquer uma de nós fosse homem, teria respostas mais promptas e mais interessantes.

Lembro-me que em uma reunião em que estavam diversas amigas minhas, uma dellas, assediada insistentemente por um pintor, ouviu-lhe a declaração seguinte, ao fim de uma valsa, ás 3 horas da manha:

— Quería que Deus me desse as cores de um arrebol para pintar-lhe neste momento o incendio que me vai na alma!

Minha amiguinha sem pestanejar respondeu-lhe:

— Seria uma crueldade ter de acordar os bombeiros a esta hora da madrugada!...

Epiphany porém prestou-me hontem um serviço não pequeno. Trouxe com os alexandrinos uma revista de modas e por merecido castigo filio escrever as linhas seguintes, que serão para as minhas leitoras de muito maior utilidade do que seus bellissimos versos, que sempre tiveram a magica virtude de manter-me em equilibrio dormindo eu de pé!...

Saias. — Uma pequena modificação acaba de surgir: A saia composta de *biaisés aux cultures*, que não

cão uniformemente em campanula, mas que adhire ao corpo por meio de crespos. E' talvez mais elegante e deixa entrever ligeiramente as linhas do corpo, que a que estava em uso: Podem ter um alto *faux-oreil* de taffetà.

As saias de taffetà, guarnecidas de volantes, continuam na ordem do dia.

Modificação radical da moda. — Com a transformação lenta que vão soffrendo as saias e com as linhas novas que vão tomando as blusas, parece que vamos

voltar e dentro em pouco ao collante ou quasi collante, abandonando a orientação actual do largo e comodo, á ingieza, que se prejudicava a plasticidade, deixando-nos no entanto, ampla liberdade de movimentos.

O preto. — Talvez devido á guerra o preto continua na Europa, em grande voga. E' bem verdade que na rua elle começa a desaparecer e só é admittido para o luto. Nos jantares e nos theatros elle continua porém a dominar, dando a nota de tristeza que neste momento ennevóia todas as almas, mesmo quando pretendem divertir-se.

Os proprios manteaux de theatro, em velludo-panne, se não são negros, são de cores escuras, castanho escuro ou azul carregado, com guarnições de marabout.

Os vestidos de noite são pela maior parte pretos, de um preto esfumado e transparente, que realça o roseo do collo e dos braços. As mangas são substituidas por artisticas azas de tulle. Usam-se tambem os corpinhos em ponta. Para acompanhar essas toilettes impõe-se o calçado de velludo preto, com um botão de strass. Meias de seda preta.

Vestido princeza. — Continua ainda em moda, para ser usado sob o manteau, o vestido princeza, em um só corpo.

Tailleur. — O tailleur ainda não abdicou o throno; ainda é a toilette pratica, elegante e economica. Começa porém a amarelar-se.

Guarnição de Malines. — Uma novidade sensacional é a adaptação de uma finissima renda de Malines á roda dos casacos, com a mesma cor da toilette.

Alguns modelos: 1. *Toilette em sergê azul.* — Saia frisada, guarnecida embaixo de laços azues. Corpo kimono, a blusa, com golla larga, revirada, ornada de lacinhas

Toilette dernier cri. — Corpinho de velludo de lan preta, com golla alta, indo posteriormente até quasi á altura do chapéu e abrindo-se á altura das orelhas, em gola larga revirada, deixando

entrever apenas a abertura do collo. Cintio e fivella. Saia e godets — de lan escosseza branca e preta — bastante ampla, com largas pregas. Gorro de velludo, com uma ligeira guarnição de lan escosseza igual á saia.

— E aqui faço ponto porque meu pobre poeta Epiphany está a pestanejar de sono. — Oh, os homens, com muito pouco panno se enrolam...

Marinette.

Ultimo modelo da conhecida casa LA SRAISON



AS AMERICANAS EM FERIAS



Os yankees que ao espirito senso esthetico com que xurriante e triumphal, as meninas, como o faziam do seu physico, com o tam de dar-lhes ao espirito uma philosophia que sem pre encantadores e necessario interesse os aspectos reaes

Após os dias escolares de meninas americanas dias de fechos quaes se entregam a j-basket-ball, á equitação, ao ciclismo de remo, etc. etc.

Os jogos physicos e para deleite artistica ha ainda os jogos, representados nas nos-

Eis pois que o yankee, gressivo, tenta salvar a belleza a que a levou o lyrisimo doem-vigor, o encanto e a pureza povos da Hellade mereceram

pratico dos inglezes alliam o a natureza americana, luxu-dota aos seus filhos, educam os filhos da Hellade, cuidam-mesmo carinho com que trau-ma feição sadia, baseada desprezar os aspectos sen-rios da phantasia, olha com da vida.

cultivo espirital têm as me-rias, no campo ou nas praias, gos physicos, ao hockey, ao base-ball, á natação, aos exer-

Como variante aos exer-do espirito e sua educação florea e os ballados plasti-sas gravuras.

atravez de sua febre de pro-feminina do aniquilamento tio do latino e restituir-lhe o da forma, que dos gloriosos acendrado culto.



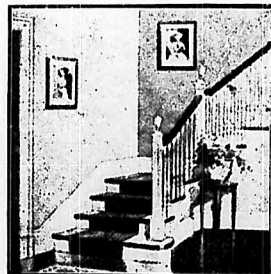
COMO ENFEITAR MINHA CASA

A COLLOCAÇÃO DOS QUADROS



Grav. n. 1

Um corredor ou os muros que acompanham uma escada não são adaptáveis a uma galeria de pintura. Assim a nossa gravura n. 1 mostra o mau gosto de uma dona de casa e o n. 2 mostra uma decoração sobria e elegante de um vão de escada.



Grav. n. 2



Grav. n. 3

Um quarto de dormir ou um tocador cheio de quadros, de retratos e de chromos, como se vê na nossa grav. n. 3 é de pessimo gosto. Duas ou tres gravuras de pequenas dimensões e de cores de accordo com a decoração do quarto, é o que se pôde admitir, como no a distincta e é o que se vê da nossa grav. n. 4.



Grav. n. 4



Grav. n. 5

Mostra a nossa grav. n. 5 a monstruosidade esthetica da collocação de tres quadros dispaes, como assumpto, como dimensões e como moldura, tomando toda a parede e ainda, quanto a moldura desgraciosa pode prejudicar o quadro. A grav. n. 6 mostra o mesmo canto de salão sobrio e distincto. Queiram as leitoras reparar na graça com que um abat-jour encobriu a fealdade de um cache-pot, transformando-o em elegante lampeão!



Grav. n. 6

A flor da trapoeraba

I

A humilde flor da trapoeraba ao lado do caminho arenoso em que nascera, sentia-se morrer, como vivera, sem dor e sem saudades do passado.

Expirava a sorrir, que demastado o calix de aces lagrimas enchera. Nunca um beijo de luz a ella desceira para beber-lhe o pranto enamorado.

Subitamente, como se a amargura da quasi morte flor fosse entendida, o sol mandou-lhe um ralo de luz pura.

Ergueu-se jubilosa, surprehendida a flor azul, e, louca de ventura, nesse instante viveu toda uma vida.

II

Fôra um momento apenas; nuvem densa o Sol velou, e a flor, que revivia, inesperada e rude ventania prostou no pó, exaustiva e sem defesa.

Tenhou erguer-se ainda a flor, pa arenga de que o ralo que amava tornaria, mas, cada vez mais negro parecia zombar o céu daquelle magua immensa.

Borboleta captilva! ai! não existe quem venturas te aguarde; morte, triste, que só no eterno semno a dor acaba!

Ralo de luz cruel! que negra sorte te impellio a tornar tão dura a morte da meiga flor azul da trapoeraba!

Adelina Lopes Vieira.



Bordado sobre Filó

Da-se o nome de filó a um tecido de malhas hexagonaes, de invenção muito recente, que serve de redi-

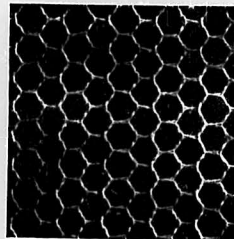


Fig. N. 1.

sinha a diferentes generos de rendas bordadas.

Os primeiros filós fabricados eram de malhas finas e seu fim era substi-

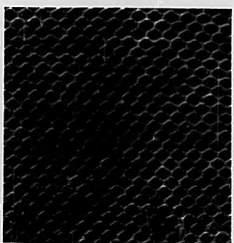


Fig. N. 2.

tuir as redes penosamente executadas á agulha para as rendas de Alençon, e á bilro para as rendas de Malines;

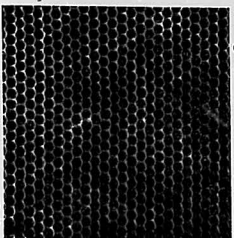


Fig. N. 3.

mas logo se começou a bordar rendas sobre o proprio filó, procurando desta sorte á imitar quanto possivel os modelos a ponto de agulha e as finas rendas de bilros. Mais tarde se começou a fabricar o filó de grandes malhas, que lembra o fundo do filet. Executam-se sobre esses filós obras a ponto de reprise e a ponto de feso-ido tendo muita analogia com os bordados sobre filet em filó grosso com ponto de reprise.

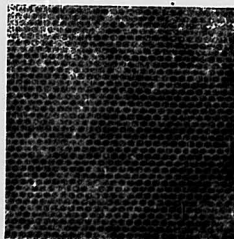


Fig. N. 4.

Neste numero trataremos da primeira classe, isto é do bordado a Ponto de reprise — O filó que serve de fundo para os trabalhos a ponto de reprise é fabricado em diversas grossuras de malhas. A execução des-



Fig. N. 5.

te bordado é facilima, dependendo somente de uma agulha com fundo largo e linha de pontear. O bordado se faz na mão seguindo exatamete o numero de malhas e de pontos indicado nas gravuras.

Para confecção de cortinas stores etc. deve-se empregar o filó grosso o qual só é fabricado de cor creme. Executa-se o ponto de reprise e

vez indo e voltando passando o fio por cima de uma malha, e levantando a malha seguinte como se vê no

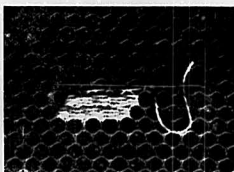


Fig. N. 6.

desenho fig. 5.

Fig. 5. — Maneira de executar o ponto de reprise com um fio grosso em filas horizontaes.

Para confecção de cortinas stores cobertas de cama etc. emprega-se o filó grosso fig. 1 o qual só é fabricado em cor creme.



Fig. N. 7.

O filó que serve de fundo para os trabalhos a ponto de reprise é fabricado em diversas grossuras de malhas como se vê nas figs. 2 3 e 4.

Os pontos — Nos bordados sobre filó se encontram muitas vezes o ponto de reprise em suas diversas variantes. Certas partes que devem sobressahir são executadas a ponto de



Fig. N. 8.

CASA BONILHA
RUA DIREITA, N. 29

Cobertores de lã e de algodão. Endredons de setim e de setineta a

PREÇOS DE RECLAME

tado; para enriquecer os modelos se pode acrescentar outros pontos de ornamento. Quando o bordado termina em ponta é preciso garantir as malhas da beira por um festão.

Ponto de reprise. — A execução deste ponto é facilima, dependendo somente de agulha com fundo largo e linha Silkateen. O bordado se faz na mão sem necessidade de bastidor, seguindo exactamente o numero de malhas e de pontos indicado no modelo. Executa-se o ponto de reprise passando o fio por cima de uma malha e por baixo de outra, indo e voltando tantas vezes quantas forem necessarias para encher as malhas, co-



Fig. N. 9.

mo se vê na fig. 5; quando se trabalha dependentes se executa o ponto de reprise em parte com uma só fila, e em parte em uma fila dupla indo e vindo seguindo o desenho conforme assim como para formar desenhos in-

(Continua no proximo n.º)

REMESSAS PELO CORRIEO:—Atendendo ao pedido de grande numero de leitoras resolvemos enviar ás nossas leitoras do interior, os artigos necessarios para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais 600 reis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correo, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

Nosso album de modelos. Tamanho grande gravuras nitidas e desenhos irreprehensiveis, para trabalhos, a saber: Filet Michellu, — um 40000 — Ponto de cruz, colorido — Bordados sobre

elamine — um 4000 a serie de tres 11000, — uma grande variedade) — Lã para tricot e croché, preta, nocellos de 20 rammas, 600 reis, — Linha branca para crochet em pacotes de 1/4 de kilo, 3000, — Linha para renda irlandesa em meadas, cada uma 800 reis, — Calarço de lã varias cores em peças de 20 metros, cada 4000, — Suadores para blusas transparentes o par 4000, — Veludo de seda: artigo superior, azul claro proprio para trabalhos, metro 6000, — Bordados sobre Filó ou labyrinth, um 2600, — Dezenha ponto de talagarda de cruz colorido, crivo labyrinth, mais fino, 800 reis, papel chimico para desenhos, cada folha 600 reis.

A AMIZADE

Precisamos de alguém que precise de nós,
Que busque o nosso olhar e escute a nossa voz...
Com quem possamos ver as bellezas da terra,
Sem nos lembrar se quer que entre os homens ha guerra;
Guerra de ideaes e sonhos, guerra de pensamento.
E, o que é o peor de tudo: guerra de sentimento!
Precisamos de alguém que precise de nós,
Que busque o nosso olhar e escute a nossa voz:
Alguem que, em só nos dar a sua companhia,
Nos dá consolação, fortaleza, alegria!
Alguem que nos anima e nos conduz á gloria,
De sorrisos e paz nos bordando a memoria...
Precisamos de alguém que precise de nós,
Que busque o nosso olhar e escute a nossa voz,
Porque a vida, o talento, a fama, a liberdade,
Só nos dão todo o bem nos braços da amizade!

Prescillana Duarte de Almeida

Para a "Revista Feminina"

Nós e os jornais

Não é por um sentimento de vaidade que nos referimos nesta columna ao entusiastico acolhimento que tem tido nossa Revista, por parte de toda a imprensa do Brasil, mas apenas como um encorajamento às valerosas senhoras que em todos os Estados se estão empenhando, para que se vulgarize leitura util e san. Não podemos deixar de desvanecer-nos as elogiosas e carinhosas expressões, com que todos os jornaes do Brasil, desde os jornaes do Rio de Janeiro, até os do *Paraná*, *do Commercio*, até os jornaes das capitães dos Estados — se referem à nossa Revista, aclamando-a como a melhor publicação feminina que se tem feito no Brazil. Temos visto com prazer que os artigos de nossas distinctas collaboradoras são transcriptos em dezenas de jornaes, inclusive, jornaes desta capital e do Rio. A linda chronica — *As virtudes de meu marido* —, publicada em nosso numero passado, foi transcripta pela *Gazeta*, o elegante vespertino que se publica nesta capital. Os artigos de Bêbé de Mendonça Lima, Julia de Albuquerque e as scintillantes chronicas de Anna Rita Malheiros, que é indubitavelmente a primeira das chronicistas brasileiras, estão correndo todo o Paiz, de jornal em jornal.

Transcrevemos em seguida o artigo que sobre a nossa Revista, publicou em sua 1.^a pagina, *A Vanguarda*, da cidade de Cassia, em Minas e que muito nos penhorou:

Revista Feminina

E' muito consolador o grande desenvolvimento que vai tendo, em nosso paiz, o gosto artistico e intellectual da mulher brasileira, até ha bem pouco tempo retilida num circulo immensamente acanhado e retrogrado. Era a reminiscencia sombria do passado, em que essa creatura extraordinaria, não representava mais que um instrumento passivo da estulta superioridade masculina, superioridade creada por má conveniencia e por um sensivel defeito de educação apenas.

Não somos dos que apontam á mulher a luta pesada equiparada á do homem, julgando-a tão apta como elle para os pesados mistêres dessa rude luta. Intellectualmente, tanto é susceptível de alcançar glorias immortaes o homem, como a sua meiga e doce companheira. Mas, physicamente, ella não pode competir com elle, pois, a delicadeza de seu porte, alliada a tantos soffrimentos — a co-

meçar pelo mais respeitável — o da maternidade, basta para torná-la mais poupada, e mais venerada. Não se diga, porém, que a mulher é inferior ao homem. Si inferioridade quer dizer nobreza, coragem, resignação e fé, a mulher é inferior ao homem. Mas se a inferioridade, dizimos, quer dizer pequenez, a mulher é o símbolo da felicidade. Em torno della gya um mundo immenso, um turbilhão confuso que se acalma á sua meiguice, ao seu contacto. Ora é a doçura da voz materna, aconselhando o filho transviado, ou soffrendo; ora é melodia de uma voz, que erguida de humilde e ruidosa, reconfortando o marido e encorajando-o fortemente para o incessante labor. Ella vive como uma doce realidade e tambem como um sonho feliz, quando a sua luz brilhante vai projectar-se na via escura do maná, que divide o futuro, através duma sombra fascinadora da mulher amada.

E', pois, com immenso prazer que vemos a mulher hoje collocada na altura que bem merece, acatada, lutando commosco pela grandeza de nossa Patria, pelo futuro de nossa raça, ainda em formação. A influencia da mulher fez-se sentir até nesse periodo sombrio da humanidade, em que ella era quasi uma escrava, quanto mais agora que são-lhe reconhecidos direitos, e que ella tem outra erudição.

Si Joanna D'Arc conseguiu elevar e incendiar o patriotismo do povo francez, apontando a Carlos VII a herança de Orleans; si Maria Theresa da Austria, no dizer de Frederico, «realisou designitos dignos de um grande homem», levantando o povo e virilmente a Austria, implantando a fé, o patriotismo e a justiça no seu povo; si Isabel, a catholica, redimiui o reino hespanhol com o seu tino brilhante, de politica intelligente e sabia, outras mulheres se celebrisaram na historia, dominando epochas e enchendo os seculos com a sua immortalidade.

Cleopatra dominou reis barbaros e Maria Antonieta deslumbrou a França. Beatriz inspirou o maior genio da Italia, que, estimulado fortemente, conseguiu a mais notavel immortalidade. Esse amor purissimo, em vez de entibiar o genio do poeta, foi a estrella polar que lhe apontou o caminho da gloria, quer na poesia, quer na defesa da Patria.

Pois bem. De madame de Istael a Julia Lopes de Almeida e a Virgínia de Souza Salles, uma feliz solução de continuidade vem demonstrando a grandeza do genio feminino, que, por entre deslumbramentos admiráveis, cuida valorosamente do desenvolvimento moral da mulher. ele-

mento indispensavel, cooperação imprescindível para a grandeza universal.

A *Revista Feminina*, que durante tres annos vem, sob a competente direcção de d. Virgínia de Souza Salles, prestando inolvidaveis serviços á causa da educação da mulher, do aperfeiçoamento social brasileiro, é das mais sedutoras que no genero têm existido em nosso paiz.

A sua leitura amena e expressiva é como a harmonia indefinida de versos cantantes que nos elevam e enlevam.

Numa preocupação constante de perfectibilidade, as suas paginas leves, suaves e encantadoras, contém lições de profunda e proveitosissima moral.

Toda a dona de casa — mãe, filha ou esposa, deve ter sobre sua mesa de leitura a *Revista Feminina*. Enquanto as mil seducções fúteis e derrocadoras do carácter feminino procuram destruir a beleza e a pureza desses corações frageis, essa revista accende um facho luminoso de saber e moral, apontando ás nossas gentis patricias o caminho da honra, do dever e da felicidade.

Fazemos votos para que essa util e esplendida publicação tenha vida tão longa e fácil, digna de si mesma, para que os seus efeitos se façam sentir soberbamente em nosso atrasado e quicadamente melior social. O papel da mulher na sociedade, representa uma barreira contra a corrupção de costumes, uma alavanca contra a queda do caracter, e, mais do que tudo, o guia para a formação do caracter de um povo. Nossos sinceros e fervorosos parabéns a essa pleiade distinta que compõe a "Empresa Feminina Brasileira", por tão nobre e gigantesca cruzada.

CASA DOLIVAES

(Fundada em 1880)

J. Azevedo & C. proprietários da casa Dolivaes, concessionários das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Federaes continuam a encarregar-se de enviar aos cambistas do interior qualquer remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem sempre à venda loterias com grande antecedencia e attendem aos pedidos com a maxima promptidão.

Os pedidos de fóra devem ser dirigidos a
J. AZEVEDO & COMP.
10 — rua Direita, 10 — Caixa. 26

GUERRA ÀS MOSCAS

Os mosquitos, além de incommodos, são perigosos. Transmitem varias molestias, entre ellas a febre amarella, o impaludismo e a lepra.

Os mosquitos se criam nas aguas paradas, onde as femeas depois de picar os animaes e o homem, depositam os ovos.

Devemos guerrear os mosquitos, não só matando-os, com a fumaça do pó de pyrethro, como também suprimindo todas as águas paradas onde eles põem ovos. As águas que não puderem ser removidas como as de ralos, exgotos, etc. deverão ser petralisadas, com 10 grammas de kerozene por meiro quadrado, todas as semanas.

CASA BONILHA

- RUM DIRETTA, N. 29

Artigos para o inverno a preços reduzidos. Pelles legítimas e imitação.

SARJAS E GABARDINES FRANCEZES

A NOBREZA PAULISTA E SEUS BRAZÕES

FAMÍLIA BARROS (continuação)

Entre os Barros, cujo braço publico nos nosso ultimo numero figurava alinda: Os descendentes do 1.º barão de Itai, exp.º-mór Bento Paes de Barros, o do mister de Lda. fallecido em 1889, de D. Gertrudes de Aguiar Barros, 1.ª mulher do barão de Tatuhy, do Dr. Antonio Barros Aguiar, netos da marquez de Santos, do Dr. Rafael Paes de Barros, do Dr. Francisco de Souza Barros, do Dr. Fernando de Souza Barros, de D. Maria Paes de Barros e Francisco F. de Barros, netos de D. Isabel, casada com o dr. Ermo e Villegas, do dr. Mario Paes de Barros, de D. Lavinia Paes de Barros, do dr. Francisco Paes Barros, casado em 1891, do Dr. Francisco Aguiar de Barros, do Dr. Bento de Souza Queiroz Barros, de D. Leonor Barros, casada com o dr. Wladimir do Amaral, de D. Guilmar de Aguiar Barros, do cap. Antonio Paes de Barros, 1.º barão de Piracicaba, de D. Maria Inêsque Aguiar Barros, casada com o conselheiro Paulo de Sousa, do coronel Rafael Tobias de Barros, 2.º barão de Piracicaba, do dr. Antonio Paes de Barros, do Sr. Manoel de Almeida, Dulce, José e Antonio, do dr. Bento Paes de Barros (Paulo, Lucla e Bento), do D. Antonio de Souza de Barros, casada com o dr. Evarado de Souza, (Branca, Maria Carlota Egberts), Rafael Tobias de Barros, os descendentes de D. Sophia de Barros e do dr. Washington Luiz (Florindo Mario e Rafael Lalla, do Sr. de Oliveira Barros, Luiz), do D. Eliza Barros, casada com o dr. João Alves Lima, (Elisa, Maria, Heloisa, João Edmarco, Enryen, Joaquim Luiz Gonzales, Marcos Rafael) de D. Gertrudes de Oliveira Barros, casada com Arvaro de Souza Queiroz, de dr. J. de Aguiar Barros, de D. Gabriella de Aguiar Barros, a marquez de Itai (sem genero), os descendentes do conselheiro Antonio Paes de Barros (Antonio, solteiro, Maria, casada com Ed. Wright, Luiz, Ottilia, Rosalinda, Eduardo, Tavo, Gertrudes, Rafael), do major Diogo de Barros (D. Isabel, cujo pai casava com



BRAZÃO DOS LEITES

Pentado, entre os quaes, figuram o conego Lourenço Leite Pentado, Padre José Manuel Leite Pentado, sargento-mór João Leite Pentado, Paschoal e Ignacio Leite. Pentado e nas gerações seguintes, os Leite Pentado de que tratamos no nosso numero anterior e que podem usar indistinctamente o brazão dos Barros ou dos Leites, ligados como se acham a um e outro daquelles troncos.

Figuram ainda entre os Leite os descendentes de Manuel Leite, casado com Anna Galvão, entre os quais, José Leite, commissario em Santos, Antonio Leite, pharmacutico em S. Carlos do Pinhal; os descendentes do tenente Joaquim Galvão de França, de Guaratinguetá, que se casou, com Maria de Barros Leite e entre elles, os Barros França, de Itú, os Barros Leite, entre os quais, o alferes Francisco, fallecido em 1892, que foi casado, com Gertrudes, filha de Francisco do Paula Leite de Barros, os filhos de D. Anna

Gerritudo de Barros Leite, falecida em 1892.
 Os descendentes de Antônio e Maria de Barros Leite figuram em descer do lado do conde de Penteado, que podem usar o braço dos Leite ou dos Lacerda.

Descendentes casados com Caio Prado, D. Eglantina, casada
 Antonio Prado Junior, D. Estella, casada com Martinho Prado, o conde Sylvio Penteado e Arnaldo Penteado; D. Zulmira, casada com João Penteado e Antônio Penteado; D. Guitiery, casada com mar, filha dos barões de Atibaia Nogueira, Ignacio Leite Pedro, casado com D. Olivia, filhas dos barões de Pirapitingui, D. Maria casada com o filho de Camargo, filha dos barões de Itatiaia; D. Brândina, Penteado casada com Pluriflor, Filha de Joaquim Queiroz. Os Leite de Barros, que fazem parte desta família, foram já enumerados na família Barros e podem usar o braço dos Leite ou dos Lacerda.

IBRAZÃO DOS LEITE

Em campo verde tres flores de liz em roquete.
Timbre, uma das flores do escudo.

NOTA. — No proximo numero daremos o brazão dos fazendeiros. Acella-
remos com prazer todas as indicações que nos forem enviadas sobre aquella
illustre familia paulista.

laborador, membro da Academia Brasileira de Letras e a viúva do dr. Miranda Azevedo, que foi um dos mais ilustres clínicos de S. Paulo e era natural do Sorocaba. Os Moraes Barros filiam-se ao Barros, pelo casamento de Maria Leite de Barros, com Ignacio Barbosa de Araujo.

FAMILIA LEITE

Um dos troncos desta família é Paschoal Leite Furtado, fidalgo de Paços de Lucite Pinheiro, natural de S. Maria, de quem se casou em 1599, nas minas de S. Paulo, a serviço da coroa de Portugal e que em S. Paulo se casou com D. Isabel do Prado, filha de nobre português João do Prado. Deste casal nasceram dois filhos, um único varão, Paschoal Leite Furtado Filho, que se casou em 1639, com D. Meia da Cunha, filha de Henrique de Almeida Cunha, pelo que seus descendentes, pelo lado da família dos Leites, que mais adiante descreveremos, ou o braço dos Cunhas Gago, que já publicamos em um dos números anteriores. Deste consorcio nasceram, entre outros, D. Felis, Maria Leite, Paschoal Leite da Cunha e Henrique da Cunha Leite.

Mário de Freitas, allou-se á família Borges de Cerqueira (Vol. III da Genealogia Paulista, do dr. Luiz Gonzaga), casando-se em 1654, com Antonio Borges do Escholeira e teve os seguintes filhos: 1º Escholastica, que se casou com Aleixo Leme da Silva, allandose assim aos Lemes, entre cujos descendentes, conta-se Joseph Leme da Silva, tronco dos Leme de Buzanga e Mirassununga, Marianna do Prado, que em 1708, se casou em Itá, com Francisco Barbosa, Maria Leite do Prado, que se casou em 1669, em Itá, com um filho de Maria Bicuê e outros.

2.º Maria Leite, sem geração—3.º Paschoal Leite da Cunha, do qual provem os Leite da Cunha, de Jacarehy.

Com o casamento de Clara de Miranda, filha de Potencia Leite, com Francisco Rodrigues Penteado, for-

Um bandido galante com as senhoras

Sierra Morena, na Espanha, e a região agreste da Calábria, na Itália, serviram, em diversas épocas, de refúgio aos audaciosos bandidos.

Na América do Norte os bandidos acharam campo apropriado para suas façanhas nas campinas do selvagem Oeste, nas imediações do deserto do Colorado ou no Yellowstone Park.

Neste último lugar realizou-se o acto de incomparável audácia, descrito pelo jornal novayorkino «Sunday American».

Yellowstone Park é uma imensa extensão de terreno com montanhas, bosques e rios, que o governo dos Estados Unidos possui e que pretende reservar como terra pública para estabelecer ali um grande parque que será sem rival no mundo.

As belezas naturais dessa região são tão maravilhosas que a ela accodem anualmente innumeraes turistas para gosar de tão esplêndido espectáculo.

Uma tarde do mez de julho de alguns annos atrás, um só bandido, armado de uma carabina, roubou os passageiros de 19 carros.

Edward Trafton chamava-se o audaz saltador, cujas victimas elogiaram sua delicadeza e galanteria com as senhoras, na sua atrevida e perigosa aventura.

Dezenove carros todos repletos de excursionistas, entre os quaes se contavam muitos banqueiros e commerciantes ricos que deixaram a porta do hotel para se dirigirem ao interior de Yellowstone Park.

Uma das viajantes, ao se vêr em meio de tão primitiva paisagem, exclamou cheia de terror:

«Que seria de nós se algum bandido nos assaltasse?»

E quem nos iria assaltar? Depois de Black Bart não tem havido saltadores em Yellowstone.

Black Bart era audaz e engenhoso. Tinha icuado uma nova forma de assaltar que lhe era de resultados efficazes. Num logar estrategico collocava, em cima de algumas pedras ou debaixo de certas arvores, uns quantos maquins com armas de fogo, apontadas para o caminho.

Organizado o scenario, deitinha, revolver em mão, os carros que passavam e exigia dos que occupavam o dinheiro e todo o objecto de valor que trouxessem consigo. Esse bandido obrigava-os a se deterem e os outros bandidos, pois bandidos pareciam os manequins, aterrorizavam o homem mais valente.

Mas alguém descobriu o embuste e Black Bart foi preso e levado, junto com seus manequins ante o juiz do crime.

Trafton não requeria outra preparação nem necessitava outro auxilio para a realização de seus roubos, que a sua illimitada audácia; e essa

tarde, depois de se collocar estrategicamente numa especie de desfiladeiro, deteve, apontando a sua carabina — o carro numero 1 de um comboio de excursionistas.

Appareceu-lhes como um phantasma; tinha estado até então escondido atraz de uma pedra, da qual se dominava todo o caminho.

— Alto! — gritou, apontando sua winchester ao cocheiro — Apele-se todo o mundo — ordenou energicamente.

Desceram os occupantes do carro numero um e Trafton ordenou-lhes marchar de um a um e passar ao lado de uma manta, que tinha estendido sobre o capim e na qual os turistas deviam, um a um, deixar cahir joias e dinheiro.

— Deixem tudo o que têm — disse-lhes alegremente Trafton e accrescentou: Não procurem illudir um pobre homem do Oeste.

Um a um foram passando os viajantes e arrojando na manta os seus valores.

Quando se concluiu a operação, o bandido ordenou ao cocheiro que levasse o vehiculo até um grande espaço livre de arvores e que os turistas o seguissem, recomendando-lhes mais que se conservassem tranquilos. Assim se fez: era para dar logar ao vehiculo numero 2, que não tardou em apparecer e cujos occupantes correram igual sorte que os anteriores.

Dessa maneira foram saqueados os passageiros dos dezenove carros. Todos se conformaram com a sua sorte e emquanto esperavam que o bandido concluísse sua difficil operação conversavam entre si; outros tiravam varios instantaneos photographicos e o sr. J. D. Bostivich, de Philadelphia, fez um croquis a lapis do audaz saltador.

Como? — perguntará o leitor — não havia entre tanta gente uma pessoa que alojasse uma bala na cabeça de Trafton?

Nenhum dos turistas, que eram gente de idade e mulheres em sua maioria, ia armado; não levavam nem o mais inoffensivo canivete. Trafton sabia-o.

Tão pouco iam armados os cocheiros e os guias. Em Yellowstone existe uma lei que prohibe terminantemente conduzir armas, lei que foi sancionada para evitar lutas tão communs entre os cow-boys.

Ao chegar o carro numero 5, Trafton deu a sua primeira prova de ser um bandido galante.

Uma senhora edosa aproximou-se, tremendo, de Trafton, e ao procurar abrir sua carteira para depositar o conteúdo della na manta, seus fracos dedos tremiam tanto que o saltador lhe disse, ajudando-a a fechar a carteira: — Guarde o que é

seu, senhora. Com o que me dão estes senhores, tenho o sufficiente.

Realizada a mesma operação com todos os carros, o bandido fez uma saudação corteizmente e perdeu-se entre as sinuosidades do terreno.

Quando o comboio chegou a povoação, foi dada parte do occorrido ás autoridades, que começaram a perseguir o saltador em todas as direcções.

Este tinha-se dirigido a uma estância de um tal Martinez, um mexicano, ao qual roubou um cavallo, tomando o caminho de Cheyenne e Wyoming.

Ali os perseguidores perderam a sua pista. Trafton dirigiu-se a Idaho e dali a Deuver.

A esse tempo já tinha crescido a barba e estava transfigurado.

Em Deuver comprou um custoso automovel e na companhia de sua mulher fez varias excursões por essa parte do paiz.

Como bom habitante do Oeste tinha todas as virtudes e todos os vícios dos homens de campanha: o whisky e o jogo eram suas paixões e rapidamente levaram-lhe todo o seu dinheiro.

Outra vez na miseria, tentou um golpe de mão, que foi effectuado com toda a audacia.

Em Idaho elle sósinho penetrou, uma tarde, num negocio e furtou a todos os presentes.

Ao retirar-se com o producto do roubo, foi visto e perseguido por um grupo de «cow-boys», que o entregaram á policia.

Trafton tinha uma boa folha de serviços como saltador e declarou aos juizes que era tão facil e productiva sua nova maneira de assaltar que pensava repeti-la outra vez e retirar-se a descansar.

O homem queria jubilar-se em sua profissão de bandido. Mas a policia de Idaho não lhe deu tempo para isso.

A MULHER NO BRAZIL

Sob este titulo o sr. M. F. Pinto Pereira acaba de publicar um livro, editado pelos Sres. C. Teixeira & Cia. desta Capital. O seu autor teve a gentileza de offerecer-nos um exemplar que muito agradecemos.

Curiosidades literarias. — Consta que os livros mais editados do mundo são: «A Cabana do Pae Tiomaz» e o «D. Quixote de la Mancha».

O que porém bateu verdadeira-mente o record das edições foi o «LIVRO DA FORTUNA». Quem quizer phussar um exemplar, gratuitamente, envie este annuncio para a Caixa Postal, 412 - São Paulo juntando um selo de 100 réis para o porte, que o receberá pela volta do correio.

PERRUQUES BLANCHES

PERSONNAGES

URSULE, Comtesse de la Tour-Jacqueline.	37 ans
ELODIE DE LA TOUR JACQUELINE, fille de la Comtesse.	18 »
TOINETTE, Soubrette.	17 »
LE MARQUIS DE LA ROCHE MONTAUBAN.	35 »

EPOQUE LOUIS XV

La scene représente un salon de style. Quéridon, clavessin, causeuses, etc. Portes à gauche et à droite; fenêtres.

SCENE PREMIERE

ELODIE, pensive, regarde par la fenêtre; LA COMTESSE, au premier plan, dispose un bouquet.

LA COMTESSE, galement

Elodie, ce bouquet fait-il bien?

ELODIE, évasive

Oui, mère.

LA COMTESSE, se retournant

A quoi songez-vous, ma fille?

ELODIE, s'avançant vers la comtesse

Moi? Mais... à rien, mère. Puis-je vous aider?

LA COMTESSE, l'entraînant

Asseyez-vous là (elles s'asseyent). Maintenant, confesse-toi. (Geste de protestation d'Elodie). Oui, confesse-toi. Je ne serai pas méchante. La pénitence sera un baiser! Ma tendresse a deviné ce que tu me caches. Je t'observe... Voilà deux semaines tu n'es plus la même. Ton regard m'échappe, ton appétit a des manières, ta gaieté court encore.

ELODIE, timide

Maman, je vous assure...

COMTESSE, interrompant doucement

Tais-toi. Tu m'inquiètes. Tu auras beau te cabrer: l'image d'un petit marquis passe trop souvent sous l'ombre de tes cheveux. Mais, je respecte ton silence... La Roche Montauban viendra avec le coucher des fleurs; le crépuscule caresse les aveux...

A! lui tu parleras.

ELODIE, tréssautant

Jamais! (Un temps) Oh! ma mère! Pourquoi les marquis!

LA COMTESSE, étonnée

Quoi? L'oncle, comme tu l'appelles, t'effraouche maintenant?

ELODIE

Non! Il est si bon! Mais...

LA COMTESSE, interrompant

Alors, tu avoueras...

ELODIE

Mais, maman; ma chère maman... vous le savez, aucun homme ne tient

à moi... Comment supposer... Là... franchement... Une gamine qui ne sait même pas broder, ni discuter Voltaire!

LA COMTESSE, piquée

Mon enfant, plus vous égarez. Tout gentil-homme qu'accepte une La Tour Jacqueline monte d'une souche son arbre généalogique. Les peuples nous aient s'alliaient aux rois. Leur sang a rouillé bien des épées. Ne l'oubliez jamais Elodie. Vous descendez d'une lignée de héros dont les cuirasses invulnérables garantissaient leurs cœurs.

ELODIE, embrassant sa mère

Vous êtes jolie comme un pastel, chère mère. Je suis presque jalouse, belle dame, de ne pas vous ressembler. (Elle tire une reverence. Puis, inquiète) vous annoncez le Marquis de La Roche Montauban, mère?

COMTESSE, troublée

Oui — J'ai même a ce propos un gros secret à confier.

ELODIE, vivement

Un secret? Oh! maman, ne dites pas! (Ingénument). J'ai peur des secrets.

LA COMTESSE

Peur?

ELODIE

Oui — Un secret est beau, car il couvre une illusion; aussitôt dévoilé, l'illusion s'effrite.

LA COMTESSE

Oh! la vilaine! Du pessimisme maintenant? L'amoureux a fait plus de dégâts que je n'imaginai. (Finement). Ne devines-tu pas ce que cherche le marquis?

ELODIE, palissant

Non.

COMTESSE

Ta mine te dément. Elodie. Tu sais... Et même tu me blâmes...

ELODIE, interrompant

Pourquoi, mère?

COMTESSE, hésitante

Ma fille... Tu me comprends tout bas... si j'ai osé, c'est que tu l'aimes aussi... et puis... tu verras; tu seras heureuse: nous serons deux à te choyer.

ELODIE

Est-ce possible? Mon Dieu, mon Dieu! (Un sanglot—Elle cache sa figure)

COMTESSE

Calme-toi, ma chérie. Alors, ce mariage t'apparaît moins extravagant? Ma petite Elodie, mon enfant. Je craignais tant t'affliger, et lui... il tremblait plus que toi!

ELODIE

Pourquoi? puisque je l'aime, maman!

COMTESSE

Mais, l'âge, les difficultés...

ELODIE

Des difficultés? Quelles difficultés? Je ne sais pas.

COMTESSE

Enfant...

SCENE II

LES MEMES. MARQUIS DE LA ROCHE MONTAUBAN

MARQUIS, dans les coulisses

Madame la comtesse de la Tour Jacqueline? est-elle prevenue? (Il entre, l'aperçoit, s'incline et lui baise la main). Oh! chère, adorée comtesse... Je ne vivais plus! Le soleil sur les cadans de la ville ne jetait plus son ombre. (Un temps). Enfin! Je renais au réajailissement de vos yeux! (Il lui baise tendrement les doigts.)

LA COMTESSE, au marquis

Ma fille... notre fille reclame sa caresse.

ELODIE, intimidée

Oncle! Elle tire une reverence Le marquis la baise au front. (Elle rougit et se dérobe.)

LE MARQUIS

Chère petite! (A la comtesse). Eh bien, comtesse? La niece n'a-t-elle pas trop aplati le vieil oncle?

ELODIE, à demi-voix, au marquis:

Pourquoi le cachiez vous? Long-temps j'ai douté; mais, l'exquise incertitude m'enflérait.

MARQUIS, même jeu

Oh! oh! Je ne savais pas ma petite élève aussi psychologue. (La comtesse à gauche prépare l'echiquier.) ELODIE, coquettement au marquis C'était mal! J'aurais compris. (Elle se trouble.)

LA COMTESSE, au marquis

Ne l'intimidez pas, cher marquis! Allons à notre revanche.

LE MARQUIS, au premier plan, continue à Elodie.

Chère petite!... Alors, l'oncle vous aura toujours auprès de lui, sans crainte d'importuner la mouche si fière de trembler sur votre faussette?

ELODIE, timide; Je vous aime tant, tant! (elle fait une pirouette)

LA COMTESSE, les observant de loin. Eh bien, Elodie! Ta gaité reflotte?

a moi-même? Vite, écoutons. (Elle disparaît derrière les battants, qu'elle ouvre aussitôt pour y glisser sa tête. Le marquis et la comtesse la croyant partie se taisent un instant et se regardent dans les yeux.) Que va-t-il dire?

LE MARQUIS, prenant doucement la main de la comtesse

Adorable amie!

ELODIE

ELODIE, entrant tout-à-fait, change d'expression. D'une voix étouffée.

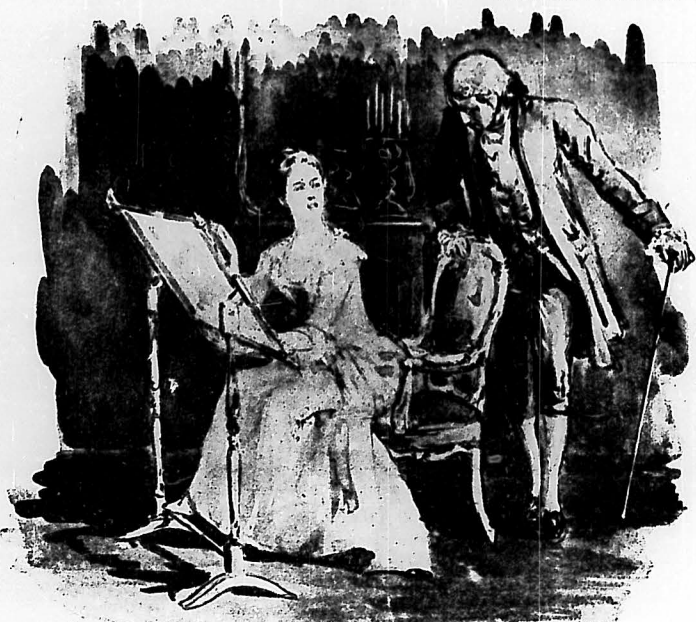
Ciel! Me serais-je trompée?

Marquis

Belle comtesse! L'automne aussi verse à la terre ses feuilles d'or.

COMTESSE

Vous voilà bien! Volage et séduisant! Notre siècle, voyez-vous, marquis, a trop de dentelles. (Mine du Marquis dont la main caresse le abot.)



Vous obtenez des merveilles, marquis! LE MARQUIS, à Elodie Mon enfant, je suis heureux aujourd'hui. Chantez-moi donc ma chanson préférée.

COMTESSE, impatiente Marquis, votre marivaudage oublia que j'attends.

MARQUIS, se précipitant Oh! comtesse! Agréez un bouquet d'excuses déposé sous vos pieds! (Il s'incline, prend place en face de la comtesse, puis se tourne vers Elodie, qui debout au centre de la scène, chante un air du temps. Puis sort en courant.)

ELODIE, près de la porte Quel émoi, Seigneur! Il m'aime! Alors, c'est vrai! Il va le dire à maman! Et moi, qui n'osais le murmurer

Mon cœur grelotte.

MARQUIS

Enfin! Il me sera permis de dire le mot que seule ma pensée écoutait. Suis-je insensé de sussurrer... je vous aime?

ELODIE, entrant un peu.

Je vous aime?! étonnée. Mais pourquoi toujours à elle? Il se décide cependant à me le dire à moi-même.

LE MARQUIS

Comtesse, avez-vous bien réfléchi?

COMTESSE, gravement

Oui. La chimère de tantôt est réalité maintenant. Ami! Ne suis-je pas folle! Vous même demain ne me reprocherez-vous pas l'amour... (geste las)

Nous regardons Versailles de ses terrasses et le berger trop loin fatigué les champs de sa musette; sa plainte n'arrive pas au roi.

ELODIE

Mon Dieu!

MARQUIS

Ah; madame! Le premier duo d'amour va-t-il se disloquer en affreuse politique? Allons, délicieuse amie, confiez-moi vos mains blanches. (Il lui prend les mains.) Chassez de vos prunelles la pensée trop grave, qui, ainsi que vous le dites, ne sied pas au royaume; et ramenez-y bien vite la bluette troublante qui force à vos pieds l'orgueil des chevaliers.

ELODIE, accablée

Elle: Ma mère!

COMTESSE, flattée

Incorrigible! Mes scrupules s'envelopent à mes propres soupçons. Je suis femme et je vous aime. (Le marquis baise longuement la main de la comtesse, tandis qu'Elodie, silencieusement tragique, sort lentement à reculons.)

ELODIE, d'une voix blanche Ma mère!

(Rideau)

DEUXIEME TABLEAU

Dix ans après. Même décor. Elodie place des pivoines dans une jardinière.

SCENE PREMIERE

ELODIE

Là!... Mes pivoines sont belles. C'est bien. (Elle regarde autour de la chambre.) Tout est en ordre, comme jadis. Il croira avoir quitté la maison ce matin. Le même parfum vieillot flotte sur les housses. L'ame seule de ma mère a rejoint les mânes dont elle s'enorgueillissait. (S'arrêtant devant un portrait de la comtesse.) Je suis de sa race! Pauvre mère; tu n'as jamais compris! et c'était là mon pardon. Dieu entendit le râle que ma mère maintenait. (Un temps.) Ils ont auprès de moi filé leur bonheur. Personne n'a contrôlé le cœur d'enfant si grand de tendresse, si petit pour hair. (Un temps.) Maman, comtesse de la Tour Jacqueline, êtes-vous contente?

SCENE II

La même Puis Toinette.

TOINETTE

Mam'zelle Elodie, faut-il pas vous aider?

ELODIE, gentiment

Non, Toinette.

TOINETTE, timide

C'est que... mam'zelle Elodie... j'voudrais ben descendre...

ELODIE

Où allez-vous encore?

TOINETTE

M'zelle Elodie... Pour sur que j'vas pas rester longtemps... C'est M'sieur Eustache... Savez ben, M'zelle Elodie... M'sieur Eustache... le fils au patissier du coin... comme qui dirait le garsauche de la demoiselle d'à côté. Eh ben, m'zelle Elodie! il m'a fait promettre que je lui aiderais à monter les gâteaux!

ELODIE, indulgente

Eh bien, mon enfant, allez! mais hâtez-vous. J'attends une visite que vous-introduirez.

TOINETTE, curieuse

Mam'zelle Elodie? C'est-il le beau M'sieu qu'a demandé Mam'zelle Elodie ce-tantôt avec tant d'insistance? (Admirative.) Ah! Il est beau, Mam'zelle Elodie!

ELODIE, riant

Où! Toinette, tu ne portes pas tes yeux dans ton tablier.

TOINETTE, coquettement

Pour ça, non, Mam'zelle Elodie! M'sieu Eustache il dit comme ça que mes poches seraient trop petites!

ELODIE

Oh, oh! Monsieur Eustache te glisse des sonnettes quand je n'y suis pas. TOINETTE, roulant son tablier entre ses doigts

Mam'zelle Elodie! (Plus bas,) Mam'zelle Elodie faudra pas lui dire que j'ai raconté à Mam'zelle c'est que... Mam'zelle elle sait bien...

ELODIE, interrompant

C'est bon, c'est bon! nous causez plus tard. Va, j'entends monter.

TOINETTE

J'y cours, mam'selle Elodie! (elle part)

ELODIE, lui criant à la porte Ne bavarde pas en chemin.

SCENE III

ELODIE, seule

ELODIE, s'assoit et prend une broderie Brave petite! Si jeune d'esprit. Elle me passe dans l'ame l'arome de ses campagnes. (Un temps.) — Où s'arrêtent les souvenirs partis en croupe sur les ailes de la jeunesse? Vers quel pays bleu le temps emmène-t-il nos charmes?...

SCENE IV

LA MEME. LE MARQUIS. Il entre inaperçu par la porte de gauche

MARQUIS, derrière Elodie

Qui reproche au passé sa toilette d'un jour?

ELODIE, sursautant

Oh (apercevant le Marquis.) Marquis, vous m'avez effrayée! Que ne vous a-t-on introduit?

MARQUIS, se prosternant galamment effleure la main d'Elodie

Peine inutile, Elodie! Je voulais vous surprendre.

ELODIE

Distrait e je n'ai pas entendu le timbre!

MARQUIS

Cela vous étonnera davantage, Elodie! quand j'aurai avoué mon ascension par les fonds.

ELODIE, étonnée

Vous?! un Marquis de Roche Montauban, arbitre de l'élégance à Trianon? Votre coquetterie se crispe de froisser ses valenciennes à des fourreaux! Fi donc, marquis! L'ogon va remplacer le parfum des favorites du roi.

MARQUIS

Votre ironie a-t-elle voué à ma personne toutes les flèches de son carquois?

ELODIE

Non, bel oncle! Je vous ai rapellé parfois certaines vérités déplaisantes; mais, si elles vous ombragent, oubliez-les! vous oubliez si bien...

MARQUIS

Encore, toujours méchante? (Se rapprochant.) N'avez-vous donc pas compris?

ELODIE

Quoi? MARQUIS, tombant dans une bergère Aie, aie! (Il frotte son genou.) Je suis un homme fini.

ELODIE, finement

Mais, non! Je vous assure: vous vous défendez mieux qu'une courtisane. N'en croyez pas les dames, jalouses de votre cour. Vous êtes encore beau, Marquis! Tenez; vos succès vont jusqu'à ma soubrette.

LE MARQUIS, étendant la jambe

Aie! aie! votre bouche sourit à cette mascarade! Mon rhumatisme, oubliant tout correction, proteste contre vos éloges.

ELODIE, compatissante

Ah! mon pauvre cher oncle! vous souffrez?

MARQUIS, la regardant, puis l'attirant sur la causeuse

Restez là comme au temps de nos premières leçons.

ELODIE

Je begayais alors! (A part.) J'ai continué de le faire! (Haut.) Et maintenant devenue vieille j'exige l'auto-ritisation de soigner l'oncle, avant qu'il ne reprenne ses galantes escapades.

MARQUIS

Combien vous êtes bonne. Elodie! (Il prise violemment.)

ELODIE, badine

Vieille et bonne? Oh! pas ce couple de mots! c'est trop triste! Oubliates-vous vos phrases à guirlandes?

MARQUIS

La vérité n'a pas d'ornements, chère enfant. (Elodie, lui ferme la bouche. Un silence.)

MARQUIS, hésitant

Elodie, dites-moi: avez-vous ja-mais aimé?

ELODIE, interloquée

Mais, mon cher oncle!

MARQUIS, continuant doucement Et vous a-t-on comprise?

ELODIE, énervée Quelle idée, Marquis!

MARQUIS

Soyez condescendante, répondez!

ELODIE

Mais, oui, oui, je crois; il me semble, au moins. Comprendre? Aimer! Pourquoi? D'aucuns cueillent les fleurs qui les fouettent au visage, sans regarder plus haut; d'autres, en remarquant de plus pâles, cachées dans les branches...

MARQUIS, pensif

Où! Je me suis souvent reproché de n'avoir pas été le rêveur! Mais... une vie ne se reforme pas!

ELODIE
Est-ce votre jambe malade qui vous alanguit? Quand la migraine me serre je ne ris pas, non plus, cher oncle! Mais a deux, nous pleurerons gentiment notre vieillesse!

MARQUIS, finement
Oui! puisque vous tenez a être vieille, narrez a un aiel votre roman doublément poudré par les annés et le siècle!

ELODIE
Ne caressez pas l'écorchure de mon âme, dont j'ai fait le cerceuil du plus pur souvenir!

MARQUIS
Elodie! ma chère enfant! vous aimez! et l'homme vaniteux de ses fanfreluches n'a pas vu dans la candide fillette la lumière qu'elle dega-geait.

ELODIE, effrayée
Marquis, je vous en prie!...
MARQUIS, emu
Ah! Elodie! Si l'on pouvait re-venir...

ELODIE, fierement
Marquis de la Roche Montauban! N'offensez même d'un regret une relique aimée!!

MARQUIS
le vous respecte trop. (Il se leve.)

ELODIE
Merci. Tel un sachet en sa gaine oubliée exhale un soir son parfum comme une agonie de fleur, ainsi l'amour qu'une longue promesse écrase jette son dernier soupir. La paix, depuis longtemps a baissé ma souffrance. (Un temps.) Oui, marquis, je vous aimais.

MARQUIS
Ma pauvre enfant!...
ELODIE
Non, Non! ne répandons aucune larme sur un songe toujours jeune. J'ai confondu nos âmes... mon cœur a sangloté parce qu'il est humain, mais mon esprit plus pur vous a remercié! De loin j'étais votre ombre, de près, qui sait? nous serions nous moins adorés.

MARQUIS
Elodie! A genoux je demande un baiser. (Il s'incline, Elodie lui baise le front.)

ELODIE, moqueuse
Marquis, gare au rhumatisme!

VIDA FEMININA

O *lyceu Feminino de Santos* completará o seu 14.º aniversário, em 5 de agosto próximo e suas alunas promoverão interessantes festas para a comemoração daquela data, cujas as quais *Oz Jogos Flores*, que tanto sucesso lhes tem valido nos annos anteriores o certamen artistico-literario.

As lances do concurso são as seguintes:

Verbo:
1.º — Uma poesia lyrica — 1.º lugar.
2.º — Uma poesia humorística — 1.º lugar.
3.º — Uma poesia épica, ou patriótica.
1.º lugar — premio Vicente de Carvalho e 2.º lugar.

Prosa:
1.º — Uma phantasia — 1.º lugar.
2.º — Uma novella — 1.º lugar.
3.º — Um conto de costumes nacionaes — 1.º lugar premio José Bonifacio, e 2.º lugar.

Musica:
Uma canção brasileira — musica original do concorrente, escripta expressamente para os versos do laureado poeta santista Vicente de Carvalho — "Calor das folhas" — 1.º lugar — premio "Barão de Paranaipaba" e 2.º lugar.

Além destes concursos haverá um outro, exclusivamente feminino ao qual só poderão concorrer escriptoras, ou belletristas e maeistras, ou "virtuosas", sob as mesmas condições geraes abaixo estabelecidas.

Verbo — Uma poesia de qualquer genero — 1.º lugar.

Prosa — Um conto de qualquer genero — 1.º lugar.

Musica — Uma valsa em qualquer estilo, com pequena introdução e tres partes — 1.º lugar.

Todos os premios consistirão de medalhas — ocultas de ouro — artisticamente gravadas, como symbolo dos nossos Jogos Flores. Condições especiaes para a inscripção dos concorrentes:

1.º — Serão admittidos a concorrer todos os litteratos e maeistras, os musicistas, natu- rales do Estado ou residentes em territorio paulista.

2.º — Os trabalhos serão recebidos até o dia 30 de junho, para dar tempo á classifica- ção, de modo a serem conhecidos e premia- dos no Recital de 5 de agosto, devendo ser lido, ou declamado, ou cantados por um grupo de alunas, caso se preste ao assumpto das produções escolhidas. Dentre os demais trabalhos recebidos serão classificados os de Menção Honrosa, que devem figurar na Po- lyanthia dos Jogos Flores.

3.º — Todas as produções recebidas fi-

carão constituindo propriedade artistico-lit- erario do *Lyceu Feminino Santista*.

4.º — Todos os trabalhos devem ser as- signados por pseudonymo e dirigidos ao *Ly- ceu Feminino Santista*, com o subtitulo *Jogos Flores*.

5.º — Cada concorrente deverá, dentro do mesmo envelope que contiver o trabalho remetido, enviar um outro tambem fechado, contendo em caracteres bem legiveis: 1.º a data da entrega; 2.º o titulo de sua produ- ção; 3.º o pseudonymo; 4.º o verda- dero nome por extenso; 5.º a residencia, mencionando rua, numero e localidade ur- bana.

6.º — Os trabalhos poeticos deverão ter no maximo cento e vinte versos, e os tra- balhos em prosa deverão atingir, quando muito, a vinte tiras manuscritas de papel almasso.

7.º — Cada concorrente só poderá enviar no maximo tres produções de cada genero, devendo ser trabalhos inditos, e podendo o direito ao premio e á publicação, mesmo quando classificados, os que não preenche- rem esta condição.

8.º — Cada concorrente deverá, junto ao trabalho remetido e dentro do mesmo enve- loppo, enviar uma chapla do voto, con- tendo tres nomes de reconhecida competen- cia para a eleição de cada um dos juries de Poesia, ou Prosa, ou Musica, que funcio- nará na classificação dos trabalhos separa- damente ou de modo que o concorrente man- dará tantas chapas a proposito, quantos fo- rem os generos a que concorra — Musica, ou Prosa, ou Poesia.

9.º — Para o jury de Poesia ou Prosa, somente serão apurados os nomes de intel- ctualidades residentes em Santos e para o de Musica, os nomes de maeistras residentes na capital do Estado.

A commissão assim procede, porque de- vido ao grande numero de produções a ser- pie recebidas, seria impossivel remetter e exibir com o prazo de um mez, pareceres de jury de Poesia e de Prosa constituídos na capital e porque além disso ha em Santos avultado elemento capaz de constituir esses dois juries. O mesmo já não se dá quan- to ao jury de Musica, que se fora constituído só de elemento santista, que no genero é li- mitado, seria privar da concorrência os mais competentes.

10.º — A apuração das chapas será feita á medida que forem sendo recebidas, sendo publicadas pela imprensa, a par da noticia dos trabalhos enviados e que facilitará a cada concorrente acompanhar a eleição para os juries.

Seria de desejar que os *Lyceus* de ou- tros Estados imitasssem o exemplo de S. Paulo e abrissem concursos identicos, assim estimulando ao espirito feminino que apae- re de brilhante, vive entre nós insofrescendo.

LIVRO D'ALMA

A FEMININA ESPOSA

(Para a Revista Feminina)

Eu que rever, ligeiramente, um dia
O livro d'alma que eu havia escripto
Sentí, porém, o coração contrito
Em muitas folhas, muitas que relia.

Uma encontrei falando de alegria
E nessa folha, num espaço estrito,
Um nome, apenas, eu havia escripto
Esse teu nome divino: Maria.

E nessa folha, ao coração parece,
Que os ecos de divina prece
Que os anjos cantam, na mansão de Deus.

Depois, virando aquella folha, vejo
Outra risonha, com amor a beijo:
Eu lia os nomes dos filhinhos meus.

Stockler de Lima

Santos — S. Paulo.

Valsa para piano

Offerecida 'pela Senhorita Lydia Ventura recebemos uma linda valsa para piano, com o titulo de *Lydia*, cujo autor o Snr. José Capelli, maes- tro da Banda Musical de Bento Gon- çalves, Estado do Rio Grande do Sul, dedica a Senhorita Lydia Ventura, di- recta filha do Snr. Vicente Ventura, collector federal naquella cidade. Gratos pela delicada offerta.

O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER

(CONTINUAÇÃO)

Algumas observações.

Uma linda phantasia, sem duvida um pouco exotica, consiste em ado- ptar-se uma toalha finissima, de um amarello atenuadissimo, ao meio da meza um ramo de myosotis, no gar- gallo das garrafas e dos jarros para agua devem dispor-se, em laços, fitas de azul pallido.

Por cima da toalha extender-se-á o *chemin de table* em renda, em fina cambraila de linho orlada de borda- dos, de applicações transparentes, so- bre azul ou rosa pallido.

Ha duas especies de serviço: o serviço á franceza e o serviço á russa.

O serviço á franceza acha-se quasi posto de parte, reclama peças de pra- ta, fogareiros de meza (*rechauds*), um oval collocado ao centro da meza e rodeado por tres ou quatro d'essas brazeirinhas redondas. Porém, recom- mandamos á nossas leitoras que não se deixem levar pela tentação de mos- trar bonitas peças de prata que se- cijnam ao serviço á russa, que é mu- lto mais alegre, e bem mais elegante.

No serviço á russa não apparece prato algum sobre a meza. O centro é occupado por uma cestinha de flores de forma alongada, não muito alta, permitindo que se vejam as pessoas que se acharem

Dos lados, candelabros de braços de prata, ou de outro metal, accessos. As velas devem ser cor de rosa, res- guardadas por pequenos quebra-luzes Imperio, em seda tambem cor de ro- sa. Aos quatro cantos da meza, ade- ante dos pratos devem estar as com- poteirinhas ou os pratos para fru- ctos, contendo estes, os pasteis, os *bon-bons*, os bolos, as talhadas de frutas geladas da sobremesa.

Os pratos devem ser collocados na meza de forma a deixarem livre entre os convivas um espaço de 40 a 50 cent.; a faca e a colher põem-se á direita do prato, o garfo á es- querdá.

Não se usa descanso para a faca quer em prata quer em crystal.

O guardanapo acha-se simples- mente dobrado no prato, e o pão pe- queno atravessado.

Como já dissemos, os copos, tres, quatro, cinco, de tamanhos differen- tes, acham-se collocados diante do prato, dispostos á maneira de canu- dos de orgão, por ordem de tamanho ou em ramalhetes; servindo o maior delles para o vinho ordinario, outro, um pouco menor para o Bordéus ou Borgonha, e ainda um outro, menor para o Madeira.

Para o Champagne devemos nos servir de uma taça ou de um copo de pé alto e estrieto; para os vinhos do Rheno, requer-se um crystal de Bohemia, verde, vermelho ou dou- rado.

O vinho é servido em jarros de crystal com pés de prata, a agua em garrafas de aza. Os jarros e as gar- rafas põem-se sobre pequenas toa- lhinhas de linho ornadas de bordado ou renda fina.

Num pequeno vaso que diga bem com o conjuncto dos crystaes collo- car-se-ão á ultima hora os pequenos ramalhetes para os convidados e á direita de cada um destes.

No serviço á russa a meza alem dos candelabros de quebra-luz é pre- cisso accender o lustre do meio da sala de jantar, para que a meza fique com- pletamente illuminada, sendo neces- sario deitar um folho de seda cor de rosa para attenuar a luz muito viva.

Devem-se conservar fechadas as persianas, as cortinas cortinas de modo que não deixem filtrar por en- tre si um unico e derradeiro raio de luz do dia.

As garrafas de champagne devem ser mettidas e conservadas em celhas de gelo. Os pratos devem dispor-se sobre o bufilete, assim como sobre os trinchantes e as mesas adjacentes, que devem ser cobertas com toalha lindamente adamascada.

Os pratos de *entremets* devem estar dispostos ao lado uns dos outros e não em pilha, tendo junto a si uma colher de dimensão meá, que se chama a colher de *entremets* e o garfo respectivo.

Fazem-se tambem divisões por séries, com os pratos de sobremesa, por dimensões consecutivas ou por ordem, sendo a primeira a dos maio- res, para os *entremets*; a segunda, dos menores para o queijo, a tercei- ra dos ainda menores para a sobre- mesa, a quarta finalmente, dos que são justamente do tamanho do pé do copo de Bordéus.

Para o queijo deve servir o pra- to de phantasia com faca de sobre- mesa.

Para a sobremesa, propriamente dita, garfo e faca de lamina de pra- ta, para os fructos colher pequena, de prata dourada, faca de lamina de aço, posta sobre uma rodela de ren- da que cubra o prato.

As colheres para os gelados teem a forma de uma pasinha.

Nas cadeiras de palha ou de ver- ga deve por-se um coxim de velludo ou setim, para evitar-se que se amar- rotem os vestidos de velludo.

O MENU' DE MEU MARIDO

Camarões em canequinhas

3 copos de leite, 2 colheres de manteiga, 2 ditas de queijo italiano, 2 ditas de maiz- in, 1 colher picada e pousada na manteiga, 1/2 kilo de camarões cozidos e bem batidos, 4 gemmas de ovos.

Com o leite, a manteiga, maizena e ce- bola faz-se um mingau no qual se mistu- ra 3 colheres de queijo, sal e pimenta, de- pois as gemmas; por ultimo os camarões. Cozinhase em cremeiras em banho maria, tendo-se espalhado por cima um pouco de queijo ralado para tostar.

Ovos com molho branco

Cozinhase bem 6 ovos, depois põem-se em agua fria para serem melhor descazados. Aprompta-se um molho de batatas arran- ja-se num prato como um ninho, arrumam-se os ovos no meio e cobrem-se com o seguinte mol- ho branco: 1 colher de manteiga, 1 de fa- rinha de trigo, 1 copo de leite, sal e pimen- ta cozinha-se bem.

Gelée de laranja

2 litros d'agua, 125 grammas de gelatina, 4 cravo, canella, lerva doce o assucar á pa- ladar; 4 claras batidas em neve e 1 copo grande de caldo de laranja seida. Voe ao fogo ferver, então junta-se 1 collix de Cognac eerve até clarear o co-za.

Despeja-se em forma alta bonita para gelar, depois de fria virase em um prato rodeando-o de comota de pecego.

Torta de nozes

1/2 kilo de nozes pesadas com casca, 250 grammas de assucar, 6 ovos, 2 1/2 colheres de pó de rosca. As claras e o assucar batem-se como snupiro, as gemmas batem-se sepa- radas para misturar, juntam-se as nozes pi- cadas, o pó de rosca batem-se bem e vai ao forno quente em pratos de folha untados de manteiga.

Doce de ovos

250 grammas de assucar foito calda gros- sa, 3 gemmas bem batidas, 1/2 copo de leite mexe-se sempre até ficar grosso; põe-se um pouco de baunilha.

Sopa de abril

Pleam-se em igual quantidade, emouras o alface; junta-se-lhe carne e linguiças pi- cadas e fava tenras, põem-se a cozer tem- perando-se com cebolas, orgãos, salsa, sal ao paladar, o summo de um tomate e manteiga fresca. Quando tiver levantado fervura dei- xaze-lhe em cima um bom caldo de carne, faz-se ferver durante meia hora.

Em seguida coze-se a terrina ou cujo fundo se terio posto fatias delgadas de pão torrado. Deixa-se repousar um momento e serve-se.

Ovo colossal

Tomam-se duas beixigas já preparadas, uma maior do que a outra e quebrem-se tantas cras (separando as gemmas das claras) quantos forem precisos para as gemmas en- clarem a beixa menor que, depois de bem cheia e bem fechada, se faz em agua fer- vendo. Quando a gemma estiver dura, tira-se d'agua e rompe-se a beixiga extrahindo-se a forma espherica sem a partir. Deita-se então dentro da beixiga grande, que contém as claras, e, fechando-a, deita-se como a pri- meira em agua a ferver.

Quando a clara tenha endurecido com- plete a beixiga, apparecendo então um ovo collos- sal que se serve sobre um molho picante, com salsa e oolhos do alface molhados em azeite e vinagre.

PRATICO EM FABRICAS ALLEMAS

Attestados das grandes pianistas Gui-omar Novaes e Antonietta Rudge Miller — glorias mundiaes.

Pianos

Alina e concerta.
Autopianos — Harmonium
— Phonolista — Pianolas
Vende esses artigos em
segunda mão.

TELEPHONE 48-86

ESTEVAM LUCCHESI

Rua José Bonifacio, 29 - B



DE TODO O BRASIL...

(Chamamos a atenção dos nossos anunciantes para a difusão da nossa Revista)

« Cada vez mais animador o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor da nossa Revista, e diariamente nos chegam as mais diversas e entusiasmantes cartas de leitores e leitoras, muitas das quais estão repletas de elogios e de pedidos de subscrição da nossa Revista cujo futuro brilhante será o primeiro triunfo das senhoras brasileiras.

Da Sra. Emma de Azevedo, de Botucatu, reconheço a seguinte carta: « Não poderia avaliar a satisfação que sinto em enviar-lhe mais estas duas assinaturas; elas irão completar a decima por mim arquivada. Prometendo tornar-me cada vez mais amiga da Revista e de V. Exza. sou att. etc. »

« A Sra. Francisca F. Teixeira, de Palmeira, Paraná, escreve-me dizendo que recebeu a sua assinatura e enviando mais uma nova, e assim se expressa: « Meus sinceros votos pelo desenvolvimento e prosperidade da Revista Feminina, que tão competentemente dirige. Junto aqui a importância correspondente a mais uma assinatura para a senhora Maria da Glória Lopes, residente em Palmas, neste Estado. Continuo enviando esforços para angariar maior numero de assinaturas. »

« A Sra. Felícia D. Arruda Barreto, de Campinas, escreve-me: « Satisfeita com a "Revista Feminina", resolvi tomar uma assinatura e arranjar mais duas, uma para o sr. Sylvio Alves Pinto, e outra para D. Graziella A. Duarte, ambos residentes nesta cidade. »

« O dr. Lauro Barbo, do Palácio do Governo, Pernambuco, dirigiu-me a seguinte carta: « Já por esses dias e pela primeira vez, a esplendida "Revista Feminina" sob vossa direção: lamentei não a ter conhecido há mais tempo e acho ainda mais lamentável que este moderno e tão útil jornal, já passando tão despercebido em nosso meio social. »

« Li o vosso apelo, se assim o posso chamar, e fiquei vossa palavra deliciosamente simples e inteligentemente dirigida às senhoras brasileiras, e por elle, augmentei o desejo de ser leitor assíduo da Revista o que me leva a solicitar-vos logo, o obsequio duma assinatura annual, para cujo pagamento, remetterei nesta data e em vale postal, a somma correspondente (78000).

« Com aquella esmolida colaboração e tão bons ensinamentos, a "Revista Feminina", é talvez o caminho mais viável que tenho visto, para ir até o despertar um pouco essa moçorça em que parece ir mergulhando o espirito feminino em suas melhores manifestações.

« Terminando, peço-vos aceitar meus respeitosos cumprimentos e os meus espontâneos votos de muitas prosperidades. »

« O dr. Galvão Villela de Andrade, de Pedregulho, espirito culto e patriota é mais um cavalheiro com que verdadeiro entusiasmo está secundando a nossa obra. Escreve-me: « Junto remetto-lhe a importância de 218000 para tres assinaturas da "Revista Feminina", sendo a reforma da assinatura da minha sra. Zilvia Villela dos Santos, Julieta dos Santos Ferreira, France e Julieta Caleiro, France. Peço mandar as assinaturas de France o ultimo numero da Revista. Aguardando sua presteza resposta, me subscrevo com elevado apreço. »

« O dr. Alcides Fontes Leite, de Jabotul, dirigiu-me a seguinte carta, que muito e muito me honrou: « Desejando contribuir para o engrandecimento da "Revista Feminina", proponho de cada milhas foras, offereço-vos os meus serviços nesta cidade, independentemente de qualquer commissão. Se v. exza. o aceitar, será favor remetter-me um talão do recibo, a fim de angariar assinaturas, e receber as suas respectivas importâncias. »

« Pois bem: poucos dias depois de nos haver dirigido esta carta, nos enviava um vale postal de 428000 para pagamento das seguintes assinaturas: Dr. Maria Guilmar Vaz Fontes, Aurelia Tadin de Camargo,

Amelia de Paula Telles, Ernestina Cabral de Oliveira Neves, Aida Moniz da Rocha Barros e a Julieta Loke.

« A Sra. Maria Leonor Correa Netto Barreto, de Mococa, enviou-me mais duas assinaturas: Maria Magdalena de Abranches e Isaura Siqueira, ambas de Mococa. »

« O dr. Osvaldo Cabrita, Santarem, Estado do Pará, escreve-me: « Sou muito e muito apreciador attento da preciosa "Revista Feminina", que se publica nessa Capital, sob a competente direção de v. exza., tendo o prazer de remetter-lhe a importância de 78000, em moeda corrente da Republica, para pagamento de uma assinatura annual da dita publicação. »

« A Sra. Relinda de Sousa Bittencourt, Cuiabá, E. Mato Grosso, escreve-me: « Com prazer cumprimento-vos desejando muitas felicidades no correr do novo anno. Remetto-vos quatorze mil reis, para duas assinaturas, da muito util "Revista Feminina", uma para a exma. sra. d. Prescliana Alves Ribeiro, rua 15 de Novembro n. 20, em Cuiabá; outra ao sr. Augusto Cesar Corrêa Cardoso, Sul do Estado, Aquidaua, Mato Grosso. »

« De Here, de Senna Madureira, a sra. Raymunda Pereira da Silva, assim nos escreve: « Junto envio a importância de 78000 correspondente a uma assinatura, de um anno, de sua apreciada "Revista Feminina", que pelo alto e digno e de delicada linguagem que se compõe, captivo-me a ponto de levar ao cumprimento de v. exza. que encontra em mim não uma assinadora como também uma insuportável propagandista, merecendo assim a confiança e acatamento da directoria representada por sua nobre pessoa. »

« A Sra. Gertrudes G. Nobrega, residente em Santa Luzia de Sabagy, no Estado do Rio Grande do Norte, escreve-me pedindo uma assinatura e diz: « É com imenso ardor que felicito a v. exza. pela brilhante e instructiva "Revista Feminina" que em tão pouco tempo, tem conquistado a sympathia da mulher brasileira, e acrescenta: « ... tive a felicidade de deparar-me em casa de uma amiga e tanto me agradou que não só tomei assinatura mas scrii aqui uma incansável propagandista... »

« De Corumbá, Estado de Mato Grosso, escreve-me a sra. M. L. P. D. B. a seguinte carta de 78000 para que seja incluída no numero das assinaturas da preciosa "Revista Feminina", e o nome da distincta e preciosa desta cidade d. Marianna Yandoni de Araujo residente á rua 15 de Novembro n. 30. Desejando contribuir com o meu insignificante contingente no sentido de propagar tão útil e proveitosa leitura, prometto não poupar esforços até conseguir em cada edição uma intelligente apreciadora das suas bellissimas paginas. »

« Enviaram-nos assinaturas mais as seguintes: Adella de Oliveira Assis, Piracicaba; Luiza Meneses, Tombadoro; dr. Agenor de Carvalho, Mogi-Guaçu; Narcia Borges de Oliveira, Visconde Rio Claro; Luisinha Toledo, S. Pedro; Augusta M. Fleury, Tietê; Elvira Sabino, Taquaritinga; J. F. de Barros, S. João Bocaina; Leopoldina Maria de Sá, Villa Bella, Pernambuco; Glancia Soneto de Araújo, Recife; Leonina de Siqueira Franco, Amparo; Carlota da Veiga, Jundiaí; Faustina Guimarães Correa, Itaquy, Rio G. do Sul; Geninha Ferraz Napoleão, Ribeirão Pires; Gyfasy Loureiro de Almeida, Bragança; Zuleika Malta Campos, Monjolinho; Severina Metelides, Baurichter; Maria de Fátima Funcker, Ventania; Feliciano Rosa Fabiano Lorenz, Guilhermina Ortiz, Santos; Julieta Loke, Jaboticabal; Paulina Lima de Lima, Villa Costina; Estella Yanna Basseler, Jaboticabal; Maria de Gloria Garrez, Assis; Maria Barboza Valladao, Bebedouro; Eloy Pereira Junior, Caripava de Paraitinga; Maria Oliva Nezzianeno, Pindamonhangaba; Maria Amelia Silva, Floresta; Iracema Franco e Alzira Ribeiro, Piracicaba; Assis Pinheiro, Franca; João Sibino Franco, Pocos de Caldas; Maria Amaral Pacheco, Jundiaí; Olympio Gorresen, S. Francisco; Maria de Fátima, Vicenza; Silva, Pussu Fundo, R. G. do Sul; dr. Mello Guimarães, Pelotas; Virginia Prado, Bica de Pedra; Julieta Neves, Villa Costina; Adalberto de Alvarães, Foz de Iguaçu; Piracicaba, E. de Minas; Marília Doria, Uruguaiana; Alzira de Freitas, Salles Junior, Foz de Iguaçu; Goyaz; Guarino Gastaldi, Rio Claro; Julieta Barboza Pompeo, Alvorá; Francisco Pereira Leite, Chavantes; Maria Pereira da Luz, Jundiaí; Theresia de Lima Vaz, Guarulhos; Domingos Sam-

palo, Conde do Pinhal; Ernestina de Arruda, Minas; Isolina Velasco, Alagoinhas, Bahia; Laura Santos de Cidada, Lagoa, Bahia; Antonio Guerreiro, S. Francisco do Sul; Maria Victoria Caldas, Rio Vermelho, Bahia; Antonio Custodio Junior, Borda da Mata, Minas; José Ginefira, Monte Mor, Virgínia L. Dias, Pirajá; Evangelina Padilha, Rio Claro; Maria Marques de Deus, Pilar, Velloso Torres Duarte, Volta Grande, Minas; Mma. Silveira, Santos; João Correa da Silva, S. Manoel; Marieta Jacobson, Coqueiros; Guimercindo Maura, Redempção; José Meira Leite, S. Manoel; Bernardino da Rocha Carvalho, Itapira; Maximino Nunes, Araguari; Julieta Nobrega e Marieta Nobrega, Calo; Rosinha de Oliveira, Sorocaba; Uguina Fortella Moreira, Jundiaí; Francisco Dias, Pedreira; Olga Otis Patto, Tremembé; Maria Aparedida Fonseca, Botucatu; dr. Estevo Alves Correa, Cuiabá; Maria da Cunha Lima, Serra Negra; Anna Marques, Sorocaba; Anna de Silveira Barbosa, Ourinho; Narcia Borges, V. Rio Claro; Ada Miranda, Amparo; Ariadides Panelli, Ijuhy, Rio G. do Sul; Raul Oliveira, Santo Antonio, Rio G. do Sul; Leopoldina Schlarberg, Alegrete; Anna da Cunha Leite, Santa Eudoxia; mais as seguintes: Craveira, Edita; Aline, Alice; Aline, M. Pansos, Isaura de Barros, Maria da Silva Pinto, Mario do Rosario Freitas, Nidia Bayeux, Alzira Barnsley, dr. Bernardino de Campos, Gabriela Porto, Mario Couto, Alfredo de Barros, mme. Amaranthe Cruz, mme. dr. Nello Camargo, dr. Goutan Reia, Camilo Reseuregu, Dolores Valverde, mme. Rego Freitas, Paulo Gonçalves, monsenhor dr. Benedito de Souza, Uranio de Camargo, Tereza de Jesus, Januario Loureiro, Amelia Sampaio, Adelino Biederstein, Theresia Barros, Francolina Cordeiro, dr. Salles Junior, Edita de Barros, Marieta Lurevi, Isabel Oliveira, dr. Padua Salles Jr., Paulo de Souza Queiroz, dr. Campos Maia, Maria Bittencourt, Adina Machado, Laura Pacheco, Ernestina Platt, Augusta Danabas, Guaraciaba Sampaio Pereira, Lady Bayeux Biarce.

Para ennegrecer os cabelos

Ha innumerables receitas para dar a cor preta aos cabelos, mais todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são a base do nitrato de prata, de sac de chumbo, de cobre, de colato e até parece incrível—cyanuro de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode extinguir rapidamente. As mais communes são as tinturas progressivas todas a base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um cancro do fígado ou por uma arterio-esclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são a Hemé verdadeiro para dar aos cabelos a cor loira ou castanho-claro e a Petalina, que tingem e alveo: que hunde a posca mais esparta.

É preciso não confundir o verdadeiro Hemé—que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil—com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de aces de prata e de chumbo e car de Europa e de América. A pedido de diversas leitoras nos estavam fazendo esforços para importar do Oriente o verdadeiro Hemé para as loiras e castanhas—mas a guerra veio annular os nossos esforços.

A Petalina, que é absolutamente inoffensiva, reusa consequentemente os senhores John Regent & Comp. fizeram vir da Europa e as nossas leitoras que desejavam fazer desaparecer os seus cabelos brancos, poderemos servir de intermediaria enviando-lhes a Petalina, que não temos duvida em recomendar. Com a Petalina em dez minutos faz-se a tintura, podendo lavar-se a cabeça em seguida e por brilhantina ou qualquer oleo nos cabelos. É sufficiente uma applicação por mes e cada tubo de Petalina pode dar para um anno ou mais pois é concentrada e vai acompanhada de um prospecto explicativo sobre a maneira de usal-a e preparal-a. Simples, facil, perfeito e inoffensivo. Basta enviar a importância de dez mil reis e o endereço á Empresa Feminina Brasileira, Alameda Viçosa, 37—S. Paulo.

GENIOS?

Não; estudo e trabalho!



Não creia que o surpreendente exito dos Estados Unidos é devido a que os norte-americanos sejam genios extraordinarios, não; este resultado é devido unicamente a que elles, mais que ninguem, têm reconhecido a importância vital da educação. Os norte-americanos têm feito tão somente o que a educação tecnica lhes tem permitido fazer. Rara vez têm inventado alguma cousa por casualidade; DEVEM SEUS EXITOS AO ESTUDO E AO TRABALHO.

Existem nos Estados Unidos poderosas forças sociais que impellem o individuo para frente, que o impulsionam ao triumpho. Entre as mais activas destas forças se contam as Escolas Internacionais de Scranton, de ensino por correspondência, que ha cerca de um quarto de seculo tem educado centenas de milhares de alumnos, guiando-os pelo caminho do exito. Os cursos que ensinamos são, sem disputa, os melhores que se tem offerecido ao publico e os unicos de sua classe adaptados ao hespanhol e ás necessidades da America Latina.

Não deixe passar esta oportunidade, estude em nossas escolas. Não é necessario para isso que vá aos Estados Unidos, nem tão pouco que aprenda o Inglez para estudar nossos cursos technicos. Não necessita sair de sua casa, visto que as Escolas lhe ensinarão aqui mesmo por correspondência. Não é sequer necessario que interrompa ou abandone sua occupação actual, visto serem sufficientes os seus momentos vagos. A falta de conhecimentos previos não é tampouco um obstaculo para que comee qualquer dos nossos cursos. Nem si-

quer precisa ter muito dinheiro, porquanto pode pagar o seu curso em prestações muito modicas.

Decida-se, pois, sem perda de tempo, a aproveitar-se das oportunidades que lhe traz mesmo as portas de sua casa, a educação norte-americana. Sejam estas linhas a mensagem que lhe abra as portas de um brilhante futuro. Corte o coupon abaixo, enche-o e nolo envie. As Escolas Internacionais de Scranton farão o resto. (Estes cursos são ensinados em hespanhol. As respostas dos alumnos, porém, são acceptas em portuguez).

Veja o que homens illustres, aqui mesmo da America do Sul, dizem acerca de nossas escolas. O Lente de Química Aplicada á Industria, da Universidade do Chile, que é também membro da American Chemical Society e da Société de Chemie-Physique de France, disse o seguinte:

«Scranton, 5 Setembro 1912.

Visitei as Escolas Internacionais e examinei muito minuciosamente cada departamento e estudei seus methodos de ensino por correspondência. Creio que a adaptação deste sistema aos paizes latino americanos será uma das forças sociais mais poderosas que contribuirão para o desenvolvimento economico e moral da America Latina.

(Firmado) Belisario Dias Ossa.

O provento Lente de Mathematicas da Escola Polytechnica de S. Paulo, dr. Carlos G. de Souza Shalders, que por todos os titulos é um dos mais naves engenheiros civis do Brazil, referindo-se aos nossos cursos de Electricidade, disse:

«Só tenho palavras as mais lisongeiras para recomendar a International Correspondence Schools. O curso é pratico, é consciencioso e é barattissimo. Espero que V. S. com o seu esforço intelligente consiga alargar immensamente o campo de acção de tão util instituição entre nós.

(Firmado) C. G. S. Shalders

INTERNATIONAL CORRESPONDENCE SCHOOLS

(Escolas Internacionais)
de SCRANTON, Pa., U. S. A.

Caixa Postal 945 — SÃO PAULO, BRAZIL

Queriam enviar-me todos os dados referentes ao sistema de ensino por correspondência em hespanhol X.
Com mais de 200 cursos em Inglez.

- 1 Topografia e desenho topografico
- 2 Inzeneria de Ferrocarriles
- 3 Alumbração e Transmisións Eléctricas
- 4 Alumbração Eléctrica
- 5 Transmisións Eléctricas
- 6 Dinamos e Motores
- 7 Distribuição Interior
- 8 Desenho de maquinas
- 9 Comercio Completo
- 10 Mercaderia y Taquigrafia
- 11 Contabilidad
- 12 Mancho de las Instalaciones de Vapor y Eléctricas
- 13 Mancho de las Instalaciones de Vapor
- 14 Mancho de Maquinas de Vapor y Dinamos
- 15 Mancho de las Maquinas de Vapor
- 16 Maquinas Mitchell para el Mancho de las Frenos de aire
- 17 Idioma Inglez
- 18 Idioma Francés

X. B. Estes cursos podem ser respondidos em Portuguez

Nome _____
Rua e N. _____
Cidade _____
Estado _____

ESCRITORIOS NO BRAZIL

SÃO PAULO

Rua Onze de Agosto, 9-A

Caixa Postal 945



RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 117

Caixa Postal 382

AS FORMIGAS SAUVAS

Machina "Luiz da Silva"

causados por tão terrível praga. Não são mais necessários reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina «Luiz da Silva»; bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que attestam os milhares de testemunhos que presenciam os maravilhosos efeitos e a economia que se ver-

Depois de conhecida esta machina como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infallíveis efeitos contra a existência das daninhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos

tifica com a applicação da machina «Luiz da Silva» e do ingrediente «Buffalo».

Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura, Rua Libero Badaró, n. 125, S. Paulo.

Carrapaticida

Contra a terrível praga dos carrapatos também se encontra com a mesma Sociedade o infallível carrapaticida marca Touro.

E' sem duvida o melhor preparado, o mais eficaz e o mais economico.

Peçam orientações a respeito.

«A Fazenda»

A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos

de agricultura. Obtem-se a sua assignatura de um anno por tres dollars e sessenta centesimos e por cinco annos por dezoito dollars com direito a um elegante e finissimo relógio suíço dourado.

«A Fazenda Moderna»

A unica e mais completa obra nacional impressa a cores sobre a criação do gado, em um grande volume encadernado, escripto pelo conhecido e illustrado dr. Eduardo Cotrim. No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura. Remette-se com porte pago por 21\$500.

Arvores e plantas

Arvores frutíferas e ornamentaes, flores, etc. Qualidades garantidas a preços inteiramente commodos encontram-se á rua Maria Antonia n. 69. Telephone n. 4640.

ESCRITORIO:

R. Libero Badaró, 125
S. PAULO